

PORTFÓLIO DE TEXTOS JORNALISTA BENEDITO TEIXEIRA

SÉRIE DE ENTREVISTAS E MATÉRIAS SOBRE EMPREENDEDORISMO DIGITAL PARA O JORNAL O POVO



PREPARAÇÃO E ESTUDO: ESSENCIAIS AO EMPREENDEDOR DIGITAL

PEQUENOS EMPREENDEDORES do Ceará estão procurando cada vez mais o Sebrae interessados em abrir negócios no mundo digital

BENEDITO TEIXEIRA

Especial para O PÓVO
benitoteixeira@gmail.com

Estudo, troca de experiências, orientações de especialistas, cursos de aperfeiçoamento, elaboração de estratégias e utilização de espaços de inovação que vem surgindo cada vez mais. Para o pequeno empreendedor que está começando a montar seu negócio no mundo digital essas são dicas preciosas. Glauber Uchoa, analista técnico do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Ceará (Sebrae/CE), afirma que ainda não há dados formais sobre o surgimento de pequenos negócios digitais no Ceará, mas a experiência da instituição no atendimento ao empreendedor cearense mostra uma demanda crescente por esse tipo de negócio.

Tanto que o Sebrae inaugurou recentemente o SebraeLab, em Fortaleza, que funciona como um espaço para o desenvolvimento de negócios digitais e criativos. Veja entrevista:

O EMPREENDEDORISMO DIGITAL É UM SEGMENTO QUE CONTRIBUI PARA A INSERÇÃO DE PEQUENOS NEGÓCIOS NO MERCADO?

Sem dúvida colabora com a inserção de empreendedores em um novo mercado que cresce a cada dia. A internet é palco de negócios cada vez mais distintos. Como facilita a reunião de pessoas que se interessam por nichos diferentes, ela é um bom impulsionador de negócios de nicho. Empreender em um negócio digital normalmente é barato, possui menos riscos e pode transformar o pequeno empreendedor em grande muito rapidamente se o modelo do negócio for bom.

QUAIS SÃO, SEGUNDO O SEBRAE, OS PRODUTOS E SERVIÇOS COM MAIS OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO ENTRE OS PEQUENOS EMPREENDEIMENTOS DIGITAIS?

Os modelos de negócios digitais mais populares são os e-commerce e os market places. São modelos de negócios com as maiores facilidades de acesso por contarem com ferramentas disponíveis no mercado bastante robustas e de fácil acesso. Algumas delas são até gratuitas, o que diminui a barreira de adoção desses modelos de negócios. Existem outros tipos de negócios que estão se popularizando, como o mercado de afiliados, plataformas de serviços, infoprodutos e negócios ligados ao marketing em redes sociais.

QUAL A GRANDE VANTAGEM DOS PEQUENOS NEGÓCIOS DIGITAIS EM RELAÇÃO AOS RAMOS TRADICIONAIS?

Uma vantagem é o custo de implementação que tende a ser menor que em um negócio tradicional. Outra vantagem é a possibilidade de mudar rapidamente as estratégias do negócio e testar o seu modelo de negócio. Com um negócio digital você tende a ter custos fixos menores.

QUAIS SÃO OS MAIORES RISCOS NO RAMO DOS PEQUENOS EMPREENDEIMENTOS DIGITAIS? COMO ENFRENTÁ-LOS E EVITÁ-LOS?

Os maiores riscos geralmente estão associados às expectativas do empreendedor que não tem experiência com esse tipo de negócio. Portanto, para ser um empreendedor de negócios digitais é importante estudar como funciona esse mercado. A melhor forma de minimizar riscos é estudando sobre os aspectos de cada proposta de negócio. O empreendedor deve se preparar permanentemente, conhecer sobre o seu produto ou serviço, sobre seus clientes e sobre o seu mercado. Os riscos são mensuráveis desde que se saiba como medi-los.

QUE ORIENTAÇÕES O SEBRAE OFERECE AO PEQUENO EMPREENDEDOR DIGITAL QUE ESTÁ COMEÇANDO?

Prepare-se para enfrentar o desafio de ser um empreendedor digital, estude, troque experiências, busque mentoria, faça cursos e esboce uma estratégia para o seu negócio. Utilize espaços de inovação como o SebraeLab, que foi inaugurado recentemente na sede do Sebrae e funciona como um espaço para o desenvolvimento de negócios digitais e criativos.

O SEBRAE TEM ALGUM FOCO DE ATUAÇÃO ESPECÍFICO EM RELAÇÃO ÀS STARTUPS? COMO ESSE

TRABALHO É FEITO?

Temos um projeto de pré-aceleração de startups e de suporte ao ecossistema de inovação do Estado. O projeto chama-se Startup CE. O projeto abre ciclos periódicos de capacitação, seleciona ideias e startups para fazerem parte desse ciclo. Além disso, desenvolvemos programas de estímulo ao empreendedorismo digital em municípios com potencial empreendedor, como é o caso de Sobral, Juazeiro do Norte e Quixadá.

NA SUA AVALIAÇÃO, QUAIS AS VANTAGENS DAS STARTUPS EM RELAÇÃO A EMPRESAS DO RAMO DIGITAL?

Não existe necessariamente vantagem de um modelo de negócio em relação a outro: qualquer modelo de negócio digital pode ser um bom negócio quando ele é sustentável. O que diferenciamos quando classificamos o negócio como uma startup é a possibilidade desse negócio ganhar escala mais facilmente e atingir um público maior. Atíngir um grande público pode ser considerada uma vantagem, mas um pequeno e-commerce funcionando bem também é um negócio de valor.

QUAIS OS MAIORES RISCOS DE NÃO SUCESSO DE UMA STARTUP?

Uma startup sempre estará enfrentando a dificuldade de estabelecer um novo negócio que se propõe ser disruptivo e inovador. Cerca de 90% das ideias de startups terminam apenas como ideias não realizadas e não se viabilizam como negócio. O maior desafio sempre vai ser achar o melhor modelo de negócio que faça sua ideia ser viável, ser sustentável.

O QUE PRECISA SER MELHORADO PARA QUE O ESTADO SE DESTAQUE NESSA ÁREA? HÁ INCENTIVOS PÚBLICOS?

Há bastante incentivo público atualmente no formato de editais, programas de aceleração, equipamentos públicos e programas de desenvolvimento empreendedor. Além disso, há bastante investimento privado para transformar o Estado em um player mundial conectado, como é o caso dos investimentos associados ao Porto do Pecém e a projetos de cidades inteligentes que estão sendo construídas. O Ceará está em um bom caminho.



NOVAS IDEIAS QUE PODEM REVOLUCIONAR O MUNDO DIGITAL

CRIAR, CONSTRUIR, fabricar, modificar a partir de uma ideia inovadora têm sido práticas cada vez mais comuns no mundo digital. O movimento maker se atualiza e novas tendências surgem no mundo para quem está disposto a concretizar ideias e apresentar novos produtos e serviços ao mercado

BENEDITO TEIXEIRA
Especial para O POVO
benitoteixeira@gmail.com

Com o acesso e as trocas mais rápidas de conhecimentos e experiências, além da descoberta de novos materiais e de novos usos, o chamado Movimento Maker (do inglês Maker Movement) vem tornando-se mais forte em todo o mundo. São pessoas comuns que constroem, consertam, modificam e fabricam os mais diversos tipos de objetos e projetos com suas próprias mãos. No Ceará, a tendência é a mesma.

Quando ainda estava no mestrado, em 2011, Daniel Chagas, hoje professor e coordenador do Laboratório de Pesquisa e Inovação em Cidades da Universidade de Fortaleza (Unifer) e membro fundador do grupo ForHacker, tomou conhecimento da tecnologia Arduino. Segundo ele, a placa Arduino é um marco para o movimento de hardware livre: foi o primeiro produto

época, usei a placa para protótipos interativos com TV Digital para a minha dissertação, como eu já era envolvido com software livre, entender a importância do hardware livre foi imediato", conta.

Chagas começou a usar o Arduino na escola pública onde trabalhava, no bairro Messejana, em Fortaleza, e o sucesso dos projetos o incentivou a organizar o Arduino Day, com o apoio da Unifer. "Acabei conhecendo um monte de gente também entusiasta das tecnologias livres e formamos o ForHacker, uma comunidade cearense de amadores, profissionais e entusiastas de tecnologia e inovação."

O movimento maker é o movimento ha-

ves, explica o professor. Entretanto, os chamados "fazedores" tiveram um boom com o barateamento e a facilidade de uso que ferramentas como o Arduino e Raspberry Pi trouxeram na última década. "Bem verdade é que boa parte desse impulso veio da inundação de produtos DIY chineses na internet e as licenças livres foram importantes para isso: como eram produtos que poderiam ser reproduzidos livremente, o preço baixou à medida em que mais gente ofertava as placas na internet", assinala. Mas, para ele, isso não minimiza a importância das comunidades criadas ao redor, feitas de gente que se empolga em fazer coisas sozinha.

Clarissa Ribeiro, professora da Unifer, arquiteta e pós-doutora em Arte e Ciência, explora o fenômeno da comunicação em uma perspectiva que ela chama de "cross-escalar" do subatômico, do molecular, do celular, ao espaço interestelar. Ela observa que as instalações interativas cada vez mais incorporam em suas poéticas tecnologias computacionais, procedi-



WETROBOT

Coordenadora do Laboratório de Inovação e Prototipagem (LIP) da Unifor, Clarissa destaca que o espaço dá suporte e estimula o desenvolvimento de trabalhos "cross-areas", abrigando o projeto internacional Laser talks. Este promove mensalmente seminários reunindo artistas e cientistas para discussões temáticas dentro do Leonardo Art Science Evening Rendezvous, primeiro polo do projeto implantado na América Latina. A Leonardo ISAST é um projeto vinculado ao MIT (Massachusetts Institute of Technology). "O incentivo primordial do LIP é a convergência entre arte, ciências e tecnologias", enfatiza.

"De alguma maneira, gosto de pensar o LIP como uma proposta filha do Renascimento, energia amplificada pelo entendimento da lógica dos sistemas complexos adaptativos", assinala Clarissa. Ela prefere dizer que a proposta é renascentista, ao invés de classificá-la dentro do Movimento Maker. "O fazer e o pensamento, a poética, não têm fronteiras - é energia e vontade de criação que se espalham, se apropriam livremente do conhecimento sem preconceitos, sem distinções."

Já Daniel Chagas é criador do Arduino cearense, chamado Marmirino, fruto da necessidade de uma placa barata que pudesse ser feita por alunos da rede pública nas próprias escolas. Ele lançou o projeto em 2014 quando, segundo ele, ainda era viável construir sua própria placa. "Mas o preço dos Arduinos e sensores vem caindo ano a ano, então hoje ele só vale para hobbistas mesmo."

Chagas cita também a placa Franzinho, do maker Fabio Souza. Outros exemplos cearenses são: o projeto de robótica sustentável do professor André Cardoso e o projeto de capacete ciclistico inteligente, do professor Gean Viana. Há ainda o Joy Fab Lab e o grupo ForHacker para fortalecer o movimento hacker e maker do Ceará. Iniciativas de apoio de órgãos, como Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (Funcap), Fundação de Ciência, Tecnologia e Inovação de Fortaleza (Citnova), Banco do Nordeste, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Federação das Indústrias do Ceará (Fied) e outras, já existem, mas ainda é necessário, para Chagas, que o maker brasileiro aja localmente (buscando problemas reais das cidades e comunidades) pensando globalmente (distribuindo e dando suporte a comunidades mundiais).



"OS CHAMADOS 'FAZEDORES' TIVERAM UM BOOM COM O BARATEAMENTO E A FACILIDADE DE USO QUE FERRAMENTAS."



MOVIMENTO MAKER E STARTUPS

Diferentemente dos empreendimentos que investem em negócios baseados em tecnologias digitais, como as startups, em geral baseadas em modelos escaláveis através de software e aplicativos, Daniel Chagas esclarece que a inovação com hardware é diferente: "Exige que o inventor crie um ecossistema ao redor do produto. O uso de licenças livres permite que os clientes sejam parte e evoluam com o produto. Mas há desafios a serem superados, pois ainda não se valoriza tanto a licença livre porante patentes, por exemplo."

Para o professor, a tendência agora é a conectividade. A exemplo de chips acessíveis com Wi-Fi, bluetooth, 4G e LoraWan (uma rede especial para a "Internet das Coisas"), que ampliam muito as possibilidades dos makers para trabalhar. Contudo, uma incógnita no cenário maker, na sua avaliação, é a sustentabilidade dos fab labs (Laboratórios de Fabricação Digital): locais com equipes e maquinários para atender à comunidade maker e hacker, mas que estão ainda em busca de um modelo sustentável de negócio.

Clarissa Ribeiro acredita que, com o crescimento da procura e do número e qualidade dos projetos abrigados no LIP, a principal estratégia é a formalização de parcerias com laboratórios e pesquisadores em outros países para estimular o trânsito e a contaminação em âmbito internacional. "Não há inovação sem pesquisa. Não há como ser criativo sem estudar muito, sem ler, sem conversar com seus pares sem preconceito de área."

EMPREENDEDORISMO EM
NEGÓCIOS
DIGITAIS

EDUCAÇÃO CRIATIVA

Chagas aposta na aproximação do universo maker com o educacional. Trazer o "faça você mesmo" para as escolas e universidades, ensinando matemática, inglês, física e outras matérias aplicando engenharia, programação e robótica é o que esperamos das salas de aula. É o chamado ensino STEM: Science (ciência), Technology (tecnologia), Engineering (engenharia) e Matemática.

Fundada em 2016, a Explorim, nascida dentro de um fab lab em São Paulo, apresentou ao mercado um box maker com potencial para ser utilizado em sala de aula. Um teste piloto foi realizado em parceria com uma associação que ensina jovens da zona sul de São Paulo, em uma região vulnerável, e com uma escola particular de renome. Foi realizada uma aula em conjunto e, segundo Eduardo Azevedo, cofundador da

Explorim, "o resultado foi incrível". A partir daí, o projeto, que começou com um hardware, transformou-se em uma plataforma educacional.

O conceito em que se apoia a plataforma da Explorim é a criatividade, batizada de Mindware, no qual o erro faz parte do processo educacional. Azevedo explica que a empresa tem uma metodologia pedagógica chamada de Alta Inovação Educacional, que permite explorar problemas reais do mundo com desafios. Os professores são formados também com uma tecnologia educacional própria, denominada AIE, baseada no conceito de aprendizagem criativa híbrida. Há ainda um hardware, o Box Explorim, ferramenta para criação de projetos de automação. Como diferencial, segundo Azevedo, a Explorim trabalha em um sistema que não obedece um plano de aula guiado. Todo o processo de aprendizagem está focado no professor, que aprende o sistema e passa a transmitir a metodologia para o aluno.

Azevedo afirma que o crescimento nos negócios tem sido acima do planejado. De 2017 para 2018, a Explorim dobrou o número de escolas atendidas, 26, em cinco estados, atuando na formação de professores e em consultoria, focando no conceito de aprendizagem criativa. Para 2019 o executivo

prevê um crescimento de 400% em relação a 2018. A meta é manter o crescimento no setor privado e entrar nas escolas públicas. Outra meta é ampliar o escopo de atuação do projeto social "Engenharia Criativa" em parceria com a Alfasol e a Samsung, desenvolvido como piloto junto a 160 jovens da região do Capão Redondo, em São Paulo, com aulas de programação, prototipação e empreendedorismo.

Daniel Chagas dá uma orientação aos futuros makers: faça e faça rápido. "Demonstre, com protótipos e MVP's, para você e para o mercado, que sua ideia pode sair do papel." Hoje, segundo ele, é barato montar um protótipo e ainda existem várias formas de financiamento de projetos que podem ajudar a escalar um hardware. "Lembre-se: se você tem só uma ideia, você não tem nada. Também vale sempre procurar apoios para tirar sua ideia do papel, buscando um fab lab ou um laboratório de inovação."

MULTIMÍDIAS/GETIMAGES



BATE-PAPO



"BRASIL ESTÁ EVOLUINDO DE MANEIRA BRUTAL NO MERCADO DIGITAL"

Manoel Lemos, empreendedor digital e sócio do fundo Redpoint Ventures, que investe em projetos de startups, é bastante otimista quanto ao presente e ao futuro do mercado brasileiro de tecnologias digitais inovadoras. Fundador do portal/blog Fazedores.com – hoje referência para o movimento maker no Brasil – ele afirma que quando o movimento de fazedores se alia a projetos de empreendedorismo digital, "o resultado quase sempre é bem interessante".

COMO INICIOU SUA EXPERIÊNCIA COM O MOVIMENTO MAKER? QUAL FOI O PRINCIPAL MOTIVADOR (O ESTALO) PARA TOMAR A INICIATIVA?

Desde moleque, lá pelos meus oito anos, eu já gostava de montar e desmontar coisas. Mas era muito na linha de explorar e brincar. Depois, quando entrei na Engenharia de Computação na Unicamp [Universidade de Campinas], tive mais contato com a parte técnica e gostei muito. Porém acabei trabalhando com software e internet e deixei a coisa de hardware de lado. Por volta de 2010, quando descobri que seria pai de uma menininha, fiquei pensando em como poderia ajudá-la a não ter medo de tecnologia. Em paralelo, eu havia acabado de conhecer a plataforma Arduino e percebi que seria bem legal trabalhar com ela para criar projetos. Foi aí que junto as duas coisas, montei um pequeno laboratório em casa para poder brincar e para criar um ambiente para minha filha

poder se aproximar desse mundo. Na sequência, criei o portal Fazedores, que nasceu com o objetivo de divulgar a cultura e o Movimento Maker no Brasil.

COMO VOCÊ EXPLICA O SUCESSO DESSE MOVIMENTO EM TODO O MUNDO?

Acho que o ser humano sempre gostou de pôr a mão na massa, entender como as coisas funcionam e criar novas coisas. É o que já chamávamos de cultura do "Faça Você Mesmo" ou DIY, como os gringos preferem. Com a chegada da internet, ficou fácil divulgar essas atividades e trazer mais gente para o jogo. Com o surgimento de tecnologias facilitadoras, como hardware aberto (em plataformas com o Arduino) e a fabricação digital (impressoras 3D), tudo ficou mais acessível. O que antes só era possível de se fazer no laboratório de uma universidade ou na oficina de uma empresa, agora pode ser feito em casa.

QUAIS OS PRINCIPAIS DIFERENCIAIS DO MOVIMENTO MAKER EM RELAÇÃO A OUTRAS FORMAS DE EMPREENDEDORISMO DIGITAL?

Acho que temos duas diferenças principais: em geral, o empreendedorismo busca criar um negócio, enquanto que o Movimento Maker é mais sobre fazer coisas com as próprias mãos. A primeira é justamente o aspecto mais "sólido" do universo maker. No empreendedorismo digital, o software e os serviços são os personagens centrais. Mas existe muita gente fazendo coisas na interseção deles, por exemplo, empreendedores criando hardware como um negócio. Quando as duas coisas se misturam o resultado quase sempre é bem interessante.

QUAIS AS TENDÊNCIAS DO MOVIMENTO PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

Acho que a chegada e a popularização de tecnologias mais sofisticadas de fabricação digital e prototipação eletrônica levarão as criações dos makers para um nível superior. Veremos projetos cada vez mais ambiciosos saindo das oficinas dos fazedores. Outra coisa é que o Movimento Maker está cada vez

mais forte fora dos temas de hardware, eletrônica e robótica. Está presente em todas as áreas criativas, como culinária, moda, marcenaria. Também vemos ele bem forte em áreas de ponta, como genética, bio-hacking.

EM TERMOS DE TECNOLOGIAS INOVADORAS O QUE OS FAZEDORES DO BRASIL E DO MUNDO ESTÃO APRESENTANDO? ALGUMA PROMETE QUEBRAR PARADIGMAS?

Existe muita coisa interessante sendo construída. Uma das áreas que gosto muito é a da criação de dispositivos como próteses e ferramentas para suportar projetos de genética e bio-hacking. Essas áreas eram muito pouco acessíveis e nem sempre os produtos e frutos eram destinados a um público maior.

Que conselhos você daria para quem está pretendendo iniciar no Movimento Maker? O que é preciso ter (investimento mínimo, por exemplo) para conseguir resultados positivos?

A primeira delas é não perder tempo e colocar logo a mão na massa. É assim que muita gente para. Ou por achar que não tem os conhecimentos necessários ou que ainda faltam equipamentos e ferramentas. É preciso começar com o que você já sabe, já tem, e ir incrementando aos poucos. A internet está cheia de conteúdo interessante para todos os níveis de conhecimento. O maior investimento é o de tempo.

COMO O BRASIL VEM SE POSICIONANDO NO MERCADO DIGITAL MUNDIAL, INCLUINDO O DO IT YOURSELF?

O Brasil está evoluindo de maneira brutal no mercado digital, especialmente no empreendedorismo digital. Se você comparar o que existia por aqui em termos de ecossistemas quando fundei minha primeira startup, em 1998, com o que existe hoje, a diferença é gigantesca. Nosso ecossistema tem milhares de empreendedores criando empresas todos os anos, uma comunidade forte de anos que apoiam essas empresas em estágio inicial, fundos de investimento para os estágios seguintes, aceleradoras, corporações, hubs etc. Veja o que já aconteceu nos últimos 24 meses com empresas como NuBank, PagSeguro, Stone, Resultados Digitais, Credits, Caelum, 99Taxi, Mercado Pago e outras.

O BRASIL ESTÁ EVOLUINDO DE MANEIRA BRUTAL NO MERCADO DIGITAL, ESPECIALMENTE NO EMPREENDEDORISMO DIGITAL.



DESENVOLVER TECNOLOGIAS PRÓPRIAS É DIFERENCIAL NO MUNDO DIGITAL

INVESTIR EM PESQUISA e desenvolvimento, apostando em parcerias com universidades e conhecendo de perto o que está sendo desenvolvido em todo o mundo, tem sido algumas das estratégias do Grupo Avântia para crescer no mercado de segurança eletrônica e digital

BENEDITO TEIXEIRA
Especial para O POV0
benitoteixeira@gmail.com

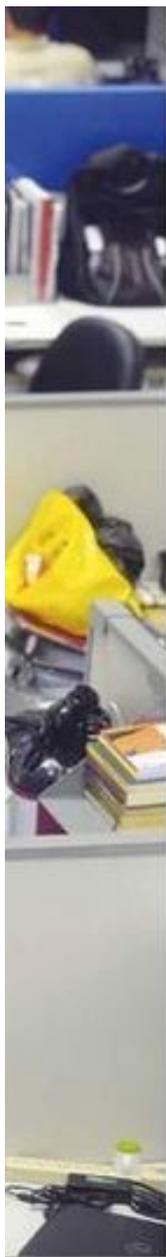
Há cerca de 20 anos, o Grupo Avântia era apenas uma startup com jovens cheios de ideias inovadoras que poderiam revolucionar o mercado de segurança eletrônica digital no Brasil. O tempo passou e o tino empreendedor dos seus fundadores transformou um pequeno negócio em uma das maiores empresas de tecnologia digital em segurança por videomonitoramento do país. Eduardo Ferreira Lima, sócio-diretor da empresa, afirma que, hoje, a Avântia, sediada em Recife (PE), chegou a um nível em que investe em startups que ofereçam produtos e serviços digitais inovadores, que possam fazer a diferença diante da forte e acelerada concorrência.

A formação e trajetória profissionais de Lima na área de finanças fez com que, em 2008, ele enxergasse na Avântia um negócio de grande potencial para crescer: então, decidiu se juntar aos sócios-fundadores da companhia, Silvio Aragão e Hamilton Valentim. Suas expectativas se confirmaram. Lima não revela números, mas garante que o negócio só tem crescido. Leia entrevista

PODE-SE AFIRMAR QUE A AVÂNTIA É UMA DAS EMPRESAS DE DESTAQUE NO QUE SE REFERE À OFERTA DE SERVIÇOS E TECNOLOGIA DE PONTA NA ÁREA DE SEGURANÇA NO BRASIL E NO NORDESTE?

A Avântia é uma das empresas líderes no Brasil em tecnologia para segurança, e somos uma empresa que, além de implantar as soluções para os clientes, desenvolvemos tecnologia própria. A maioria dos nossos concorrentes implanta soluções apenas desenvolvidas por terceiros. Temos uma área de pesquisa e desenvolvimento com cerca de 20 pessoas só para isso, o que dá um diferencial competitivo muito grande à nossa empresa. Além disso, temos uma proximidade muito grande com a área acadêmica, com universidades. Há três anos atrás, fizemos um convênio com o MIT (Massachusetts Institute of Technology), dos Estados Unidos, e atualmente estamos trabalhando em um projeto com a Universidade de Michigan, também nos Estados Unidos.





privato

e o fato de estarmos próximos das universidades faz com que consigamos enxergar para onde caminha o mercado antes da concorrência, o que nos faz investir forte em pesquisa e desenvolvimento, soluções diferenciadas.

QUAL É A RELAÇÃO DA AVANTIA COM AS STARTUPS DO SETOR DE SEGURANÇA ELETRÔNICA? HÁ TECNOLOGIAS INÉDITAS NAS QUAIS A EMPRESA INVESTE?

A Avantia já não é mais uma startup, ela já passou dessa fase. Hoje ela é uma das maiores empresas do setor no Brasil. Nós hoje investimos em startups que tenham a ver com o nosso negócio. Por exemplo, investimos há algum tempo em uma empresa que desenvolve tecnologia de análise inteligente de áudio utilizando inteligência artificial. Somos uma empresa que investe em startups.

COMO A QUESTÃO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL ESTÁ POSICIONADO NOS PLANOS DE CRESCIMENTO DA AVANTIA?

O investimento em tecnologias digitais é o futuro não só para nós da Avantia, mas para todo o mercado. Por isso procuramos nos posicionar nesse segmento. Estamos cada dia mais entregando tecnologias digitais. Nesse momento, inclusive, estamos desenvolvendo um produto novo juntamente com a Universidade de Michigan, nos EUA.

TENDO EM VISTA SER SÓCIO-DIRETOR DE UMA GRANDE EMPRESA E EXECUTIVO CONHECEDOR DO MERCADO, COMO O SENHOR AVALIA O PROGRESSO DA REGIÃO NORDESTE EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS INOVADORES E TECNOLOGIAS DIGITAIS?

O Nordeste vem se posicionando bem. Nós estamos hoje inseridos no Porto Digital, em Recife, que

inova no Brasil. Então, o fato de estarmos dentro de um ecossistema inovador ajuda bastante. Dessa forma, o Nordeste tem tido algumas iniciativas de inovação e nós procuramos estar inseridos. Claro que também não apenas limitados ao Nordeste. Hoje, a tecnologia e a competição são globais. Estivemos na China recentemente, em Israel, fomos bastante para os Estados Unidos. Como a competição é global, procuramos não ficar limitados a uma região geográfica.

QUE ORIENTAÇÕES O SENHOR DARIA PARA O EMPREENDEDOR QUE ESTÁ COMEÇANDO NO MERCADO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS? HÁ REQUISITOS IMPRESCINDÍVEIS PARA CRESCER POR MEIO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL?

A orientação que eu dou para o empreendedor que está começando é sair do país para ver o que se faz lá fora. Novas ideias surgem a todo momento em clusters [polos digitais] de inovação no mundo, como o Vale do Silício (EUA), Israel, China. Então é importante que o empreendedor vá a esses lugares para entender o que se passa e poder extrair o que tem de melhor no seu segmento de atuação e trazer para o Brasil.

QUAIS OS DESAFIOS QUE O SENHOR VISLUMBRA NOS PRÓXIMOS ANOS PARA OS EMPREENDIMENTOS QUE, COMO A AVANTIA, SÃO BASEADOS EM PROCESSOS DIGITAIS INOVADORES? COMO VENCER ESSES DESAFIOS?

O grande desafio hoje da empresa de tecnologia é estar à frente no seu mercado, conseguir se manter à frente. Não é fácil. Muitos concorrentes hoje são jovens recém-formados trabalhando na garagem de casa e que conseguem desenvolver uma tecnologia capaz de mudar o mercado. Então, o grande desafio das nossas empresas é conseguir não perder o bonde, conseguir se manter à frente. E não vai conseguir fazer isso se não investir bastante em treinamento e educação. Estar atualizado e antenado com o que se passa nos principais centros de inovação do mundo.

COMENTE UM  CASES DE



"O GRANDE DESAFIO HOJE DA EMPRESA DE TECNOLOGIA É ESTAR À FRENTE NO SEU MERCADO, CONSEGUIR SE MANTER À FRENTE. NÃO É FÁCIL."

SUCESSO DA AVANTIA EM ESPECIAL QUE TENHA A PRESENÇA DE ALGUM PROCESSO TECNOLÓGICO INÉDITO NO MERCADO.

A Avantia tem diversos casos de sucesso. Eu citaria dois especificamente, que é o Grupo Gerdau, maior grupo siderúrgico do país e um dos maiores do mundo; e o McDonald's, maior rede de varejo alimentício do mundo. Nessas duas empresas, utilizamos análises inteligentes de vídeo, inteligência artificial para extrair informações das imagens geradas pelas câmeras instaladas nos estabelecimentos dos nossos clientes. Com isso, nós geramos informações gerenciais para o cliente melhorar seus processos e reduzir custos com segurança.

EMPREENDEDORISMO EM

NEGÓCIOS DIGITAIS

COMO SURTIU A AVANTIA E, NOS ÚLTIMOS ANOS, QUAIS TÊM SIDO OS FATORES QUE MAIS CONTRIBUEM PARA O SUCESSO DA EMPRESA NO MERCADO?

A Avantia foi fundada por dois sócios, Silvio Aragão e Hamilton Valentim há 20 anos, eu me associei a eles há dez anos. A empresa começou prestando serviços de automação bancária para o Banco do Brasil, foi o primeiro grande cliente; depois, começou a trabalhar bastante com o setor industrial; terminou expandindo para outros nichos e empresas; e hoje tem seu foco na implantação de tecnologia na área de segurança e na implantação de datacenters.

O VOLUME DE NEGÓCIOS DA AVANTIA CRESCU NO ÚLTIMO ANO? QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS PARA ESSE CRESCIMENTO?

O último ano foi bastante desafiador porque nós temos uma conjuntura ainda desfavorável, mas procuramos compensar isso com a expansão das nossas atividades em São Paulo e, agora, no Rio de Janeiro. Então, nós incorporamos uma área de atuação no Sudeste bastante forte e isso contribuiu para o nosso crescimento anual. Atendemos hoje grandes grupos empresariais com atuação nacional.

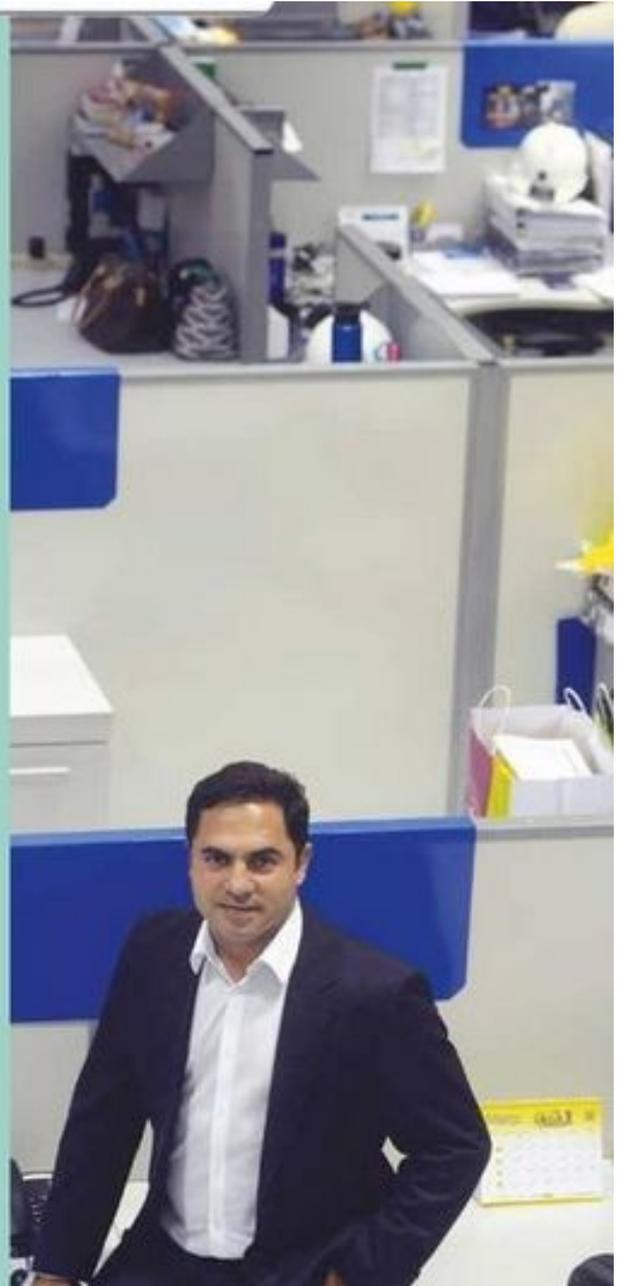
HÁ EXPECTATIVA DE CRESCER AINDA MAIS NOS PRÓXIMOS ANOS? EM QUE A AVANTIA VEM APOSTANDO PARA PODER CONCRETIZAR ESSA PERSPECTIVA POSITIVA?

A expectativas de crescer nos próximos anos vêm da ampliação dos negócios no Sudeste e da abertura de filiais na Bahia e em Brasília. Então, a expansão geográfica é nossa estratégia de crescimento para os próximos anos. Estamos apostando também na ampliação da nossa área de pesquisa e desenvolvimento, principalmente em tecnologias próprias, para aumentar o nosso diferencial competitivo.

QUAL O VOLUME DE INVESTIMENTOS MÉDIO DA EMPRESA NO DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS? O QUE A EMPRESA LEVA EM CONTA NA HORA DE INVESTIR?

Investimos bastante em desenvolvimento de novas tecnologias, temos uma equipe dedicada para isso. E, portanto, o que nós levamos em conta na hora de investir são as novas tendências que surgem. Participamos dos maiores eventos do setor de segurança eletrônica no mundo, das maiores feiras,

“O INVESTIMENTO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS É O FUTURO NÃO SÓ PARA NÓS DA AVANTIA, MAS PARA TODO O MERCADO”





e o fato de estarmos próximos das universidades faz com que consigamos enxergar para onde caminha o mercado antes da concorrência, o que nos faz investir forte em pesquisa e desenvolvimento, soluções diferenciadas.

QUAL É A RELAÇÃO DA AVANTIA COM AS STARTUPS DO SETOR DE SEGURANÇA ELETRÔNICA? HÁ TECNOLOGIAS INÉDITAS NAS QUAIS A EMPRESA INVESTE?

A Avantia já não é mais uma startup, ela já passou dessa fase. Hoje ela é uma das maiores empresas do setor no Brasil. Nós hoje investimos em startups que tenham a ver com o nosso negócio. Por exemplo, investimos há algum tempo em uma empresa que desenvolve tecnologia de análise inteligente de áudio utilizando inteligência artificial. Somos uma empresa que investe em startups.

COMO A QUESTÃO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL ESTÁ POSICIONADO NOS PLANOS DE CRESCIMENTO DA AVANTIA?

O investimento em tecnologias digitais é o futuro não só para nós da Avantia, mas para todo o mercado. Por isso procuramos nos posicionar nesse segmento. Estamos cada dia mais entregando tecnologias digitais. Nesse momento, inclusive, estamos desenvolvendo um produto novo juntamente com a Universidade de Michigan, nos EUA.

TENDO EM VISTA SER SÓCIO-DIRETOR DE UMA GRANDE EMPRESA E EXECUTIVO CONHECEDOR DO MERCADO, COMO O SENHOR AVALIA O PROGRESSO DA REGIÃO NORDESTE EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS INOVADORES E TECNOLOGIAS DIGITAIS?

O Nordeste vem se posicionando bem. Nós estamos hoje inseridos no Porto Digital, em Recife, que

inova o Brasil. Então, o fato de estarmos dentro de um ecossistema inovador ajuda bastante. Dessa forma, o Nordeste tem tido algumas iniciativas de inovação e nós procuramos estar inseridos. Claro que também não apenas limitados ao Nordeste. Hoje, a tecnologia e a competição são globais. Estivemos na China recentemente, em Israel, fomos bastante para os Estados Unidos. Como a competição é global, procuramos não ficar limitados a uma região geográfica.

QUE ORIENTAÇÕES O SENHOR DARIA PARA O EMPREENDEDOR QUE ESTÁ COMEÇANDO NO MERCADO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS? HÁ REQUISITOS IMPRESCINDÍVEIS PARA CRESCER POR MEIO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL?

A orientação que eu dou para o empreendedor que está começando é sair do país para ver o que se faz lá fora. Novas ideias surgem a todo momento em clusters [polos digitais] de inovação no mundo, como o Vale do Silício (EUA), Israel, China. Então é importante que o empreendedor vá a esses lugares para entender o que se passa e poder extrair o que tem de melhor no seu segmento de atuação e trazer para o Brasil.

QUAIS OS DESAFIOS QUE O SENHOR VISLUMBRA NOS PRÓXIMOS ANOS PARA OS EMPREENDIMENTOS QUE, COMO A AVANTIA, SÃO BASEADOS EM PROCESSOS DIGITAIS INOVADORES? COMO VENCER ESSES DESAFIOS?

O grande desafio hoje da empresa de tecnologia é estar à frente no seu mercado, conseguir se manter à frente. Não é fácil. Muitos concorrentes hoje são jovens recém-formados trabalhando na garagem de casa e que conseguem desenvolver uma tecnologia capaz de mudar o mercado. Então, o grande desafio das nossas empresas é conseguir não perder o bonde, conseguir se manter à frente. E não vai conseguir fazer isso se não investir bastante em treinamento e educação. Estar atualizado e antenado com o que se passa nos principais centros de inovação do mundo.

COMENTE UM CASO DE



"O GRANDE DESAFIO HOJE DA EMPRESA DE TECNOLOGIA É ESTAR À FRENTE NO SEU MERCADO, CONSEGUIR SE MANTER À FRENTE. NÃO É FÁCIL."

SUCCESSO DA AVANTIA EM ESPECIAL QUE TENHA A PRESENÇA DE ALGUM PROCESSO TECNOLÓGICO INÉDITO NO MERCADO.

A Avantia tem diversos casos de sucesso. Eu citaria dois especificamente, que é o Grupo Gerdau, maior grupo siderúrgico do país e um dos maiores do mundo, e o McDonald's, maior rede de varejo alimentício do mundo. Nessas duas empresas, utilizamos análises inteligentes de vídeo, inteligência artificial para extrair informações das imagens geradas pelas câmeras instaladas nos estabelecimentos dos nossos clientes. Com isso, nós geramos informações gerenciais para o cliente melhorar seus processos e reduzir custos com segurança.



PROGRAMA CONSOLIDA BNB COMO FOMENTADOR DE TECNOLOGIAS INOVADORAS

ENTREVISTA / O diretor de Administração do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Cláudio Freire, destaca ações para incentivar e financiar empreendimentos digitais

O Banco do Nordeste do Brasil (BNB) está na linha de frente do fomento ao empreendedorismo digital na região. Com mais de R\$ 562 milhões em recursos destinados ao financiamento de inovação, o BNB criou uma unidade organizacional especialmente destinada a incentivar empreendimentos que apostem, acima de tudo, na seara digital e na criatividade. Trata-se do Hub Inovação Nordeste (Hubine).

Já são 16 empresas residentes no Hubine e outros 96 projetos de empreendedorismo digital em processo de análise de viabilidade. Cláudio Freire, diretor de Administração do BNB, acredita que o Brasil e a região Nordeste estão em firme crescimento na área do empreendedorismo digital, mas vislumbra uma extensa jornada de desafios a serem transpostos, como a necessidade de maior capacitação, mais recursos financeiros e a concorrência com os grandes e tradicionais players mundiais. Para ele, que já foi superintendente de Tecnologia da Informação do banco, os empreendimentos digitais têm alto potencial para elevar suas receitas, melhorar a vida dos consumidores por meio de novos produtos e serviços de alta funcionalidade e qualidade, além de construir riquezas e criar empregos. Veja entrevista.

QUAL O OBJETIVO DO BNB AO FOMENTAR INICIATIVAS EMPREENDEDORAS NO CAMPO DIGITAL?

Fomentar o desenvolvimento e o empreendedorismo da Região Nordeste está presente na lei de criação do Banco do Nordeste. Especificamente para o empreendimento inovador, essa estratégia ganha significado e incentivo com a criação de uma unidade organizacional vocacionada ao protagonismo criativo e inovador, o Hub Inovação Nordeste, voltado à inovação de produtos e serviços do BNB, bem como ao empreendedorismo dos nossos clientes.



EMPREENDEDORISMO EM NEGÓCIOS DIGITAIS

QUAIS SÃO AS DIRETRIZES DA ATUAL POLÍTICA DE FOMENTO DO BNB A PROJETOS DE EMPREENDEDORISMO DIGITAL?

O apoio às iniciativas criativas, inovadoras e digitais que contribuem com a dinamização da economia regional constituem a política de fomento do BNB. Ela está estruturada nas diretrizes (seguintes):

Espaço para inovação. Instalação de coworking para startups desenvolverem suas soluções tecnológicas. Com essa diretriz buscamos conectar as soluções tecnológicas das startups com as necessidades no segmento comercial do Banco do Nordeste, dos nossos clientes e da região Nordeste, promovendo, dessa forma, o processo de disseminação de práticas e soluções inovadoras.

Compartilhamento de ideias. Programas e atividades voltadas aos empreendedores estruturados com foco na mudança da cultura e do mind set para a adoção de regras, comportamentos e valores que possam promover a cultura da inovação.

Financiamento da inovação. Evolução contínua dos produtos de financiamento, tais como o FNE Inovação e o FNE Semente, direcionado à formação, implantação e desenvolvimento de startups, contemplando investimentos relacionados às operações da empresa.

Editais de Subvenção Econômica estruturados para fomentar o desenvolvimento de soluções científicas, tecnológicas e de inovação. Destacamos o edital Fundeoi 02/2018 – Subvenção Econômica para Inovação em Empresas da Região Nordeste.

Capital de Risco para Empreendedores (Fundos Criatec). Ao longo do segundo semestre de 2018 foram realizados road shows pelo gestor do Fundo em diversas cidades do Nordeste, para captação de empresas inovadoras (São

Luis, Teresina, Fortaleza, Natal, Campina Grande, Aracaju e Salvador). Foram 109 startups representadas nos sete eventos.

HOJE, QUE LINHAS DE FINANCIAMENTO O BNB UTILIZA PARA FOMENTAR NEGÓCIOS DIGITAIS? HÁ CONDIÇÕES DIFERENCIADAS (JUROS, PRAZOS, VOLUME MÁXIMO DE RECURSOS) PARA ESSE TIPO DE PROJETO?

Especificamente, temos o FNE Inovação. Os diferenciais são: o prazo de reembolso, que pode se estender a até 15 anos, incluídos até cinco anos de carência; a possibilidade de financiamento de até 100% do empreendimento; taxa de juros menor; e bônus de adimplência. A inovação é a essência da atividade econômica que revitaliza as organizações. Tem alto potencial para elevar as receitas, melhorar a vida dos consumidores por meio de novos produtos e serviços de alta funcionalidade e qualidade, além de construir riquezas e criar empregos.

NO ÚLTIMO ANO, QUE VOLUME DE RECURSOS O BNB DESTINOU AO FOMENTO DE NEGÓCIOS DIGITAIS?

Foram mais de R\$ 562 milhões em recursos destinados ao financiamento da Inovação, nas linhas de crédito específicas, como FNE Inovação, mas também com os editais de subvenção econômica específicos para o desenvolvimento de soluções científicas, tecnológicas e de inovação.

HÁ UMA ESTIMATIVA DE QUANTOS PROJETOS DE EMPREENDEDORISMO DIGITAL O BNB JÁ FOMENTOU? CITARIA ALGUNS CASES DE SUCESSO?

Com os editais de subvenção econômica, nas edições de 2017 e 2018, foram fomentados oito projetos em 2017. Neste ano, 96 encontram-se em processo de análise de viabilidade. Nos processos seletivos para os coworkings de Fortaleza e de Salvador inscreveram-se 39 startups. Atualmente, o BNB conta com 16 empresas residentes para 20 vagas disponíveis.

Destacamos como um dos casos de sucesso a startup TotalCross, recém participante de uma missão internacional que realizou benchmarking no ecossistema de inovação da França e de Portugal, com o objetivo de trazer proposições para o incremento da atuação do BNB no ecossistema local. A TotalCross, uma das startups que compartilham o espaço do coworking Hubine em Fortaleza, oferece plataforma de desenvolvimento projetada para ajudar programadores a desenvolverem aplicativos móveis com o Java Language, usando todos os benefícios da portabilidade entre dispositivos, como iPhone, Android, Windows Phone 8, Windows Desktop e Linux.

A empresa ganhou o Prêmio de Startups da Câmara de Comércio França-Brasil (CCFB) e, por este motivo, foi convidada para conhecer o ecossistema de startups na França, visitar incubadoras, aceleradoras e conhecer o ecossistema de inovação francês. Em razão do destaque nacional e do crescimento registrado, a TotalCross foi também selecionada para expor sua solução de negócios na maior feira de startups do mundo, a Web Summit, em Lisboa, com direito a um stand durante o evento. Esse summit é a maior conferência de startups do mundo (mais de 70 mil participantes, 2.100 startups e 1.400 investidores).

"A INOVAÇÃO É A ESSÊNCIA DA ATIVIDADE ECONÔMICA QUE REVITALIZA AS ORGANIZAÇÕES"





“HUBINE É O MAIOR INSTRUMENTO DE CATALIZAÇÃO DA INOVAÇÃO NO BANCO DO NORDESTE, ACELERANDO AS OFERTAS DE NOVOS PRODUTOS ADEQUADOS ÀS NECESSIDADES DO EMPREENDEDORISMO”

QUE DIFERENCIAIS/REQUISITOS O BNB LEVA EM CONTA NA HORA DE APROVAR UM FINANCIAMENTO PARA PROJETOS DE EMPREENDEDORISMO DIGITAL?

O Banco do Nordeste considera inovação a ação que promove a alteração das características fundamentais (especificações técnicas, matérias-primas, componentes, software incorporado, funções ou usos pretendidos) de um produto ou serviço em relação a todos os produtos previamente produzidos ou ofertados pela própria empresa. O produto ou serviço novo deve ter desempenho substancialmente incrementado ou aperfeiçoado a partir de mudanças nas matérias-primas, nos componentes ou em outras características que melhorem seu desempenho. Para que a inovação seja considerada como tal, deverá ter como requisito mínimo que a mudança introduzida seja nova para a empresa ou se proponha a ampliar o seu processo de inovação.

QUAIS OS PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS PELO BNB COM O HUBINE DESDE A SUA CRIAÇÃO?

O Hubine é o maior instrumento de catalização da inovação no Banco do Nordeste, acelerando as ofertas de novos produtos aderentes às necessidades do empreendedorismo inovador. Por meio do Hubine, o Banco do Nordeste se consolida como o fomentador na região Nordeste de tecnologias

inovadoras, qualifica os empreendedores regionais e dissemina as soluções junto aos seus clientes. Desde a sua criação, o Banco do Nordeste, por meio do Hubine, promoveu mais de 90 eventos internos e externos de capacitação em tecnologias inovadoras, alcançando um público de quase três mil pessoas, que discutiram ativamente e apreenderam novos temas voltados à tecnologia, processos e inovação. Propiciou a troca de experiências com pelo menos 180 startups, incluindo parceiros internacionais como a Start-Up Chile, aceleradora pública criada pelo governo chileno para empreendedores de alto potencial para inicializar suas startups e usar o Chile como base. Hoje, a Start-Up Chile é a aceleradora líder da América Latina e está entre as dez melhores do mundo. Facilitou [ainda] a conexão entre a academia (universidades), os governos, a sociedade e os empreendedores no processo de inovação.

O SENHOR ACHA QUE AS STARTUPS SÃO O FUTURO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL NO BRASIL?

Startups são empresas enxutas que buscam modelos de negócios repetíveis (reproduzíveis em escala limitada) e escaláveis. Em tese, elas podem prosperar rapidamente em qualquer contexto. Por essas características, o empreendedorismo digital passa pelas startups. Elas possuem estrutura reduzida e eficiente, que pode girar retorno muito rápido. E isto significa mais emprego, renda e, conseqüentemente, mais desenvolvimento econômico.

DE QUE FORMA O SENHOR AVALIA A PERFORMANCE DA REGIÃO NORDESTE NO DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDORISMO DIGITAL? O QUE AINDA PRECISA MELHORAR NESSE CAMPO?

Estudos apontam que o empreendedorismo no Brasil e os produtos e serviços brasileiros ainda carecem de sofisticação tecnológica e ineditismo. Nesse aspecto, os principais desafios ainda são: a capacitação, mais recursos financeiros e a convivência no mercado com os grandes e tradicionais players.

CRÔNICAS SOBRE OS 70 ANOS, EM 2019, DA FECOMÉRCIO, PUBLICADAS NO JORNAL O POVO

<https://especiais.opovo.com.br/fecomercio70anos/>

No Ceará é sempre tempo de fazer negócio

Por Benedito Teixeira

Uma conversa animada à beira do balcão; uma relação tête-a-tête à frente da loja "bora entrar, freguês", "preço baixo, promoção, é aqui", "é só hoje"; um anúncio criativo e bem humorado na TV, no rádio, no jornal ou na Internet; e até mesmo, em pleno século

XXI, aquela chamada do bom e velho "galego" na porta de casa. Entre uma estratégia e outra, às vezes mais, às vezes menos agressiva, o comerciante cearense sempre está disposto a fazer um bom negócio.

A alma de comerciante que o povo do Ceará reconhecidamente tem é uma construção que une costumes, história, economia, geografia, clima, culturas próprias, indígenas e de povos outrora distantes, entre muitos e diversificados fatores. Enfim, o comércio é algo que está entranhado no modo de ser cearense. Como assinala Cláudia Leitão, no livro Memória do comércio cearense (2001), "o Ceará é uma invenção do comércio".

Aonde quer estejam, seja no Japão, na Rússia, na Austrália, na Escandinávia, as mulheres e homens cearenses se destacam pela forma destemida como encaram a vida, pelo bom humor, pela coragem e criatividade, pela vontade de sobreviver, pelo empreendedorismo, afinal saíram de uma das regiões mais inóspitas do Brasil, aonde viver é todos os dias um desafio. Não por acaso podemos certamente comparar o mito de Hermes, o deus grego da inteligência, da astúcia, dos negócios, ao mito da cearensidade, simbolizado pela imagem do sujeito "cabeça-chata", inteligente, esperto, aventureiro, desbravador e resistente. Afinal, em todo canto sempre tem um cearense.

Esse tino para a troca, seja de bens e serviços por dinheiro, seja de afetos e de solidariedade, seja de favores e experiências, remonta ao tempo da ocupação europeia do Nordeste do Brasil (por portugueses e holandeses, principalmente), quando o "Siará" não passava de uma parte esquecida e rejeitada da imensa nova Colônia portuguesa. Difícil o ser entre os colonizadores que se atrevia a fixar residência em terras tão secas e improdutivas, de índios valentes, de cobras venenosas, de chão duro, muita quentura, pouca comida e água escassa.

Por séculos o Ceará e sua hoje principal cidade, a capital Fortaleza, eram apenas pontos de passagem - e, portanto, de trocas, de movimento, características básicas do ato de comerciar - daqueles que iam e vinham, do Maranhão para Pernambuco, do norte para o sul, e vice-versa. Terra de mascates, de ambulantes, de mercadores de bens e de sonhos, de gente que queria sobretudo fazer um bom negócio, o território do atual Estado do Ceará ainda guarda em seu cerne essa vocação necessária para o comércio.

Um imaginário ainda hoje povoado pelas figuras emblemáticas do caixeiro português, do judeu (cristão novo) errante, do cigano nômade, do mercador árabe (libaneses em especial), do indígena destemido e inquieto, e, claro, dos nativos frutos dessa mistura tão singular. Uma verdadeira Babel no semiárido nordestino. O estrangeiro empreendedor (também saxões e franceses) é um tipo fundamental para o florescimento da economia de base comercial no Estado - haja vista que o primeiro comerciante estrangeiro a se estabelecer no Ceará, em 1811, foi William Ware, de origem irlandesa. Com os ciclos do gado, do couro, e depois do algodão, da cera de caranaúba, do café, e, portanto, com a pujança do comércio e da economia local, principalmente a partir apenas da segunda metade do século XIX, o Ceará tornou-se, mesmo que tardiamente em relação a outros estados vizinhos, mais atrativo para quem quisesse aqui morar de vez. A atividade comercial era e ainda é - guardadas as devidas proporções de contexto,

tempo e espaço -uma forma de enriquecer e, conseqüentemente, de galgar posições na sociedade. Ainda que ser comerciante, na maior parte das vezes, não tenha sido visto com bons olhos pela velha aristocracia importada da Europa.

Comerciar, para algumas mentes conservadoras, era encarado como sinônimo de esperteza, traição e desonestidade. A figura do bode, a qual remete à imagem do próprio diabo, o tal belzebu, é por sinal um dos símbolos do comércio cearense. Vide a emblemática história do Bode Ioiô, que no começo do século XX perambulava pelas ruas do Centro de Fortaleza e foi transformado em mascote dos comerciantes da época. Não são raros os depoimentos desconfiados em relação ao jeitinho cearense de fazer comércio. Na base da amizade, da galhofa, da conversa de pé de balcão, do tratamento astuto e cordial - beirando a velhacaria - é possível negociar tudo ou quase tudo. Entretanto, o fato é que o comércio sempre foi e sempre será uma das atividades econômicas mais democráticas e inclusivas do mundo. Ou seja, com um produto ou serviço nas mãos é sempre possível ganhar dinheiro. E numa terra pouco generosa em termos de natureza, o comércio é, no Ceará, uma das principais fontes de autoestima para o seu povo.

A história do comércio cearense está repleta de histórias de superação e de casos de sucessos. Gente que de simples mascates ou caixeiros viajantes tornaram-se grandes e ricos empresários. São diversos os "Boris", os "Albano", os "Jereissati", os "Macedo", os "Dias Branco", os "Ary", os "Gentil", os "Cabral", os "Otoch", os "Rolim". Produtos finos, importados, comida, tecidos, lideravam o comércio do Centro de Fortaleza. Indústrias de peso, como nos segmentos alimentício, têxtil e de confecção, nasceram do poder de venda de seus donos comerciantes no princípio.

A veia mercantil de quem vive no Ceará também esteve ligada, em importantes momentos, a movimentos políticos de peso para a história nacional. A Associação Comercial do Ceará - primeira entidade a reunir os empresários do setor no Estado, fundada em 1866 - esteve fortemente ligada ao movimento pela abolição da escravidão. Por se tratar de uma atividade pouco importante para a economia de base comercial do Ceará, não havia interesse por parte dos empresários na política escravagista. Há quem diga que o Estado foi o primeiro no país a combater e dar a fim a essa triste página da história brasileira.

Portanto, não é de surpreender que como bom empreendedor e eficiente empresário o comerciante cearense também estivesse na vanguarda da luta de classe organizada no Brasil. Apenas três anos após a realização da I Conferência das Classes Produtoras de Teresópolis (Conclap), da fundação da Confederação Nacional do Comércio (CNC), de seus respectivos Serviço Social do Comércio (Sesc) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e da divulgação da revolucionária para a época Carta da Paz Social, os comerciantes cearenses, entre atacadistas e varejistas, decidiram criar, no dia 16 de março de 1948, a Federação do Comércio do Ceará (Fecomércio/CE) - bem como o Sesc e Senac no Estado -, que, em 2018, completa 70 anos, bem vividos. A Carta da Paz Social defendia entre outros pontos: a defesa do regime democrático; a

função social do capital e do trabalho; o combate à inflação; e a redução dos impostos sobre alimentos e gêneros de primeira necessidade.

As diretrizes principais da Fecomércio/CE, capitaneada pela figura crucial do comerciante Clóvis Arrais Maia, eram e continuam sendo a livre organização sindical, o desenvolvimento econômico e infraestrutural do Estado e da região Nordeste, o engajamento político, a organização e união da categoria, a regularização do recolhimento do imposto sindical, a promoção do bem estar social, da saúde, da educação e da cultura para os trabalhadores do comércio de bens e serviços, e o combate à informalidade e ao alto custo tributário no país.

Confirmando o espírito empreendedor do comerciante cearense a nova Federação surge no bojo da grande pluralidade de entidades do setor criadas em todo o Estado, seja em Fortaleza ou no Interior. Movidos por objetivos comuns, os líderes das pioneiras Associação Comercial do Ceará (ACC), Federação das Associações Comerciais e Industriais do Ceará (Facic), Associação dos Retalhistas, Associação dos Merceeiros, entre outras tantas, decidiram ganhar mais força no cenário nacional com o surgimento da Fecomércio.

Setenta anos depois, são muitos os frutos colhidos. Uma instituição que atua enquanto Sistema, reunindo debaixo do mesmo guarda-chuva a Federação, o Sesc, o Senac e o não menos importante e mais recente Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento do Comércio (IPDC). E o espírito vanguardista dos comerciantes cearenses segue fortalecido. Afinal, é da alma do bom cearense estar sempre fazendo bons negócios.

Desbravadores de uma terra enfeitada

Por Benedito Teixeira

Em se plantando tudo dá. Infelizmente, no caso do Ceará, esta máxima sempre foi difícil de ser aplicada. A maior parte do Estado está localizada numa área extremamente árida, onde a agricultura é atividade ingrata. Chove pouco, venta muito, o sol é quente demais, o solo parece impenetrável em muitas regiões. Por mais de três séculos, pelo menos desde a ocupação europeia do Brasil, em 1500, a área onde hoje se situa o Estado do Ceará não passava de um rincão no meio da rota que levava os colonizadores a terras então mais desenvolvidas – Maranhão e Pernambuco, principalmente. Porém, como existe gente para tudo, esta configuração forçou o “Siará” a se transformar num estado eminentemente comerciante.

De lá pra cá, daqui pra lá, num movimento constante, passava todo tipo de gente por esse entreposto. Colonizadores europeus querendo marcar território; missionários católicos; indígenas valentes e inquietos; nativos mestiços que aqui nasceram e se fixaram; caixeiros viajantes; e mascates estrangeiros, entre portugueses, holandeses, franceses, italianos, ciganos, judeus convertidos, e, mais tarde, libaneses e sírios. Numa

errância e nomadismo tão característicos de terras vocacionadas para a troca, compra e venda de bens e serviços, como era o povo fenício, que sempre ligamos à origem do comércio no mundo a partir das aulas de História Geral. Podemos dizer, sem medo de errar, que o comerciante cearense agregou a essa herança um toque a mais de muito bom humor, lábia e capacidade de agradar até os mais sisudos e resistentes fregueses.

Pessoas corajosas e aventureiras que abriram caminhos, criaram possibilidades. Afinal, comércio é movimento, é migração. Foi essa gente andeja que sedimentou a vocação do povo cearense para vender e comprar de tudo. Verdadeiros desbravadores, que fizeram do Ceará um lugar economicamente bastante viável. Aqui, concretizaram sonhos, fizeram morada, construíram prósperas casas comerciais. Alguns chegaram a virar grandes indústrias de projeção nacional. Outras foram o motor que levou alguns desses desbravadores a se dedicarem à organização sindical da categoria.

Quando ainda não existiam os modernos shopping centers, a região da Aldeota era apenas um local novo para morar na Capital cearense e a parte sul da Cidade não passava de um matagal desabitado que separava Messejana do restante da urbe. O Centro de Fortaleza abrigava as maiores e mais tradicionais casas comerciais. Tecidos, produtos finos e importados, calçados, camisarias, cafês, restaurantes e lanchonetes, remédios, relógios, escritórios de representação variados, ferragens, eletrodomésticos, hotéis e cinemas faziam e ainda fazem em alguns desses setores a alegria dos milhares de transeuntes, que de segunda-feira a sábado lotam as ruas do Centro.

A história do comércio cearense se confunde com o imaginário construído por nomes como “Casa Blanca”, “A Libaneza”, “Leão do Sul”, “Farmácia Oswaldo Cruz”, “Cine São Luiz”, “C. Rolim”, “Casa Pio”, “Otoch”, “Casa dos Relojoeiros”, entre tantas outras, só para citar alguns dos empreendimentos que ainda resistem no Centro da Capital e que estão fortemente gravados na memória do povo do Ceará. Isto sem falar nas pequenas bodegas de bairro e em tradicionais casas comerciais de cidades do Interior. É possível rememorar e reconstruir essa história de sucesso pelas trajetórias de verdadeiros desbravadores da vocação comercial do Ceará, eternizadas em reportagens da imprensa local e em livros como Memória do comércio cearense (2001), de Cláudia Leitão; e Sistema Fecomércio Ceará, Federação – Sesc – Senac – IPDC – 60 anos: uma história de várias realizações (2008).

Os Boris são bons exemplos desse espírito bandeirante dos primeiros comerciantes que aportaram e fixaram residência no Ceará. Imigrantes franceses de origem humilde, os membros da família Boris começaram a chegar por aqui em meados do século XIX, quando o Estado ainda engatinhava em seu desenvolvimento econômico. Quem conta essa história é Gérard Boris, no livro Memória do comércio cearense. A firma de importação e exportação no atacado do avô deslanchou em terras cearenses e ganhou tanta notoriedade que os Boris tinham força até na política, chegando a emprestar dinheiro para o governo para asfaltar ruas, por exemplo.

Numa época em que não havia indústrias que suprissem a demanda interna, a empresa importava de tudo, de roupas a sementes, mas o forte mesmo era a atividade exportadora. O grande produto para a exportação era o algodão, mas o tino comercial da firma franco-cearense era tamanho que ela vendia para fora uma grande variedade de coisas, como cera de carnaúba, milho, maniçoba, café, couro, borracha e até (pasmem!)

pena de ema e bÍlis de boi. Nos anos 1970, a empresa deixou de funcionar tendo em vista as barreiras governamentais brasileiras para exportação. Hoje, segundo Gérard Boris, a famÍlia apenas administra seus imóveis.

E desbravar é o verbo ideal para resumir em apenas uma palavra a trajetória de crescimento dos Dias Branco no Ceará, famÍlia portuguesa que desembarcou aqui em 1926. De uma pequena loja de secos e molhados na cidade do Cedro, Interior cearense, passando por uma fabriqueta de bolachas, por um negócio de importação e revenda de trigo dos Estados Unidos, a empreitada comercial foi tão bem-sucedida que se transformou num dos maiores grupos industriais de produtos alimentÍcios do Brasil, o M. Dias Branco Comércio e Indústria. Seus biscoitos, salgadinhos, massas e margarinas podem ser vistos nos supermercados de todo o PaÍs. Como afirma Ivens, o filho do desbravador Manuel Dias Branco, no livro Memória do comércio cearense, “tudo o que somos hoje veio do comércio”.

Bravos, resistentes e persistentes. Assim a famÍlia italiana Francesco e seus descendentes podem ser descritos. Quem passa pelo Centro de Fortaleza, ali pertinho da Praça do Ferreira, ainda pode ver aquela loja de calçados que todo cearense lembra nem que seja de nome. Trata-se da Casa Veneza. Fundada em 1903, a empresa chegou a ser depredada e destruÍda juntamente com outras empresas de origem italiana em Fortaleza, em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, por causa da rejeição à polÍtica fascista do ditador Benito Mussolini, aliado dos alemães nazistas. Mas a famÍlia de comerciantes não iria desistir tão fácil. Fizeram uma promessa e cumpriram: de que reabririam a loja quando um papa visitasse o Brasil, o que ocorreu 38 anos depois.

A natureza do comerciante do Ceará de abrir caminhos, criar possibilidades, concretizar sonhos e fazer bons negócios (claro!) têm pode ser vista nas ações para organizar a categoria. Trs nomes se destacam nessa empreitada, que tem na criação da Federação do Comércio (Fecomércio), do Serviço Social do Comércio (Sesc) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) do Ceará, em 1948, seus pontos altos. Estamos falando de Clóvis Arrais Maia, João Luiz Ramalho de Oliveira e José Leite Martins.

O primeiro foi por muito tempo considerado um dos decanos da liderança sindical comercial brasileira. Foi Clóvis Arrais Maia o responsável pela fundação da Fecomércio e esteve na linha de frente da entidade por quase 40 anos. Desde 1935, por meio da Associação dos Merceeiros, Maia encampou para si a tarefa de organizar os empresários cearenses do comércio e, não satisfeito, têm idealizou e construiu a Colônia de Férias do Sesc em Iparana, o Ginásio Coberto do Sesc, e as sedes ainda hoje da Fecomércio e do Senac, no Centro de Fortaleza.

Já a trajetória de João Luiz Ramalho de Oliveira se confunde com a do Sesc Ceará, entidade que presidiu durante 31 anos.  dele a iniciativa de interiorizar as ações do Sesc e iniciar projetos na área de educação. O terceiro nome aqui destacado, o de José Leite Martins, merece ser lembrado na história sindical dos comerciantes do Ceará em especial por sua atuação frente ao Senac.  dele, por exemplo, a iniciativa de expandir as ações desse braço do Sistema Fecomércio para o interior do Estado e ampliar a oferta de cursos de capacitação em segmentos diversos.

E assim, por meio das mãos, pés, corações e mentes de muitas pessoas, a vocação comercial de uma terra por muito tempo enjeitada se firmou e é por esse espírito desbravador que o comércio cearense sobrevive, cresce e se reinventa.

Transformando vidas para além do balcão

Por Benedito Teixeira

Trocar, movimentar, partilhar, formar, entreter, dar e receber afetos e sorrisos. Mesmo com o cansaço da rotina diária, das pernas pesadas do “pé de balcão”, o ato de comerciar também envolve essas e outras ações que significam muito na vida de muitas pessoas. Como filho e neto de comerciantes do Interior que sou, e com orgulho, cansei de ver o dia todo o vai e vem de pessoas na pequena loja de tecidos da família. Amigos, parentes e conhecidos que não precisavam comprar nada, mas davam aquela passadinha nem que fosse para trocar dois dedos de prosa. E, assim, entre uma venda e outra, um bocadinho de um bom bate-papo.

O exemplo pequeno acima é só para mostrar que por trás de uma atividade empresarial, cujo objetivo maior é o lucro, obviamente, pode haver sim um tanto de humanidade, seja por meio de simples ações espontâneas ou de atividades amplamente organizadas. E boa parte do comércio brasileiro, pelo menos desde que começou a se organizar enquanto categoria empresarial e de trabalhadores, vem tentando aliar lucro com educação, assistência social, cultura, lazer, saúde, conhecimento. Ou seja, bem-estar social em sua acepção mais geral.

No Ceará, o Sistema Fecomércio, por meio das instituições que compõem sua espinha dorsal – a própria Federação, o Serviço Social do Comércio (Sesc), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento do Comércio (IPDC) –, certamente já faz parte da história de milhares de pessoas. São mulheres e homens, crianças, jovens e idosos, que passam todos os dias por seus projetos, os quais, por sua vez, só se concretizam pelo retorno de parte dos lucros obtidos pela atividade comercial – de bens e serviços variados, incluindo o turismo – no Estado.

“Hoje, sou uma pessoa totalmente diferente. Aprendi a falar, não tenho mais vergonha, consigo até enfrentar uma plateia, sou mais observadora e aberta às pessoas, melhorei as relações familiares. Enfim, reaprendi a viver e aprendi a perdoar”. Assim a bancária aposentada Maria Lucirene Façanha, de 62 anos, fala da sua experiência como frequentadora de um dos projetos do Sesc/CE.

Transplantada renal e resabiada de anos de hemodiálise, Lucirene começou, em busca de melhorar sua condição de saúde, a frequentar o Sesc nas atividades físicas e de recreação, como dança e hidroginástica, há aproximadamente dez anos. Mas foi somente em 2014 que ser atendida pelo Sesc passou a ressignificar sua vida, como ela mesma diz.

À época, Lucirene estava passando por uma séria crise de depressão, motivada por problemas familiares. Havia perdido a vontade de viver. Até que conheceu um dos projetos de incentivo à arte e à cultura do Sesc. Frequentar gratuitamente todas as segundas-feiras a turma do projeto “Criação Literária” foi um salto de qualidade em sua vida. A paixão pela literatura e a veia de escritora – descoberta durante as longas sessões de hemodiálise, “eu passava horas sem fazer nada e aí vi que poderia escrever um romance” – foram redescobertas.

“Ouvi falar do TSI (Trabalho Social com Idosos, desenvolvido pelo Sesc) e daí comecei a frequentar os projetos gratuitos, e no ‘Criação Literária’ eu me encontrei”. O projeto incentiva as pessoas a escreverem. Nos encontros, os participantes conversam sobre temas relacionados à literatura, aprendem técnicas de escrita literária, se informam sobre a história da arte literária no Brasil, no Ceará e no mundo. O mediador, então, propõe temas que servem de mote para a escrita.

Lucirene lembra que, no começo, ficava num cantinho, isolada, mas a generosidade das pessoas a estimularam a conversar e a falar sobre seus problemas. “Passei meses só ouvindo, e vi que todos tinham problemas, o que foi me estimulando a viver, a exorcizar os males que me afligiam. O projeto ressignificou a minha vida.” De lá pra cá, ela começou a estudar mais, a conhecer mais sobre os escritores cearenses, e, inclusive, junto com os coletas de turma, ela chega a declamar poesias e textos em eventos públicos e privados. Seus contos e poemas também já podem ser lidos em duas coletâneas lançadas pelos próprios participantes do projeto no Sesc: “Cartografia da palavra” e “Fez-se dezembro em nós”. Na gaveta, Lucirene tem mais uns 40 contos. “Só falta dinheiro para publicar”, perde-se.

A depressão nunca foi embora, mas ela diz que, hoje, tem muito mais força para enfrentar o problema. “Vou para o Sesc com muita vontade toda segunda-feira, é como se fosse uma escola para mim”. A escritora também frequenta os encontros do “Abraço Literário”, outro projeto do Sesc que estimula a troca de experiências literárias entre os participantes.

É reconhecidamente sabido que a educação tem um poder quase infinito de transformar vidas. Que o diga o matemático Sávio Colares, de 44 anos. Ainda na adolescência, com 16 anos, lá no comecinho dos anos 1990, ele já sabia que acordar de madrugada era o mínimo que podia fazer se quisesse estudar e ser alguém na vida. Sem perspectivas de passar no concorrido vestibular – na época oferecido apenas por universidades públicas em Fortaleza –, ele conta que viu nos cursos de informática e de contabilidade do Senac/CE uma forma de garantir seu futuro no mercado de trabalho.

Determinado a conseguir uma vaga e o direito de pagar um valor simbólico pelos cursos, ele saía ainda no escuro do bairro de São Bento (na fronteira de Fortaleza com o Euzébio, na Messejana) para estar às 4 horas da manhã na sede do Senac, no Centro da Capital. E o esforço, segundo ele, valeu muito a pena. O próprio Senac o encaminhou para seus primeiros trabalhos na área de informática (hoje, Tecnologia da Informação – TI) e, atualmente, Sávio é coordenador de Tecnologia Educacional de uma grande escola particular de Fortaleza.

“Aprendi muitas coisas da profissão na área de informática, a ter postura profissional, por exemplo. Lá (no Senac), nos tratam como se fosse uma empresa. Não era só um ambiente educacional, mas também profissional”, relata Sávio, lembrando que, naquela época, eram raras as instituições que ofereciam cursos na área de informática. O Senac também lhe traz memórias afetivas pois foi num dos cursos que ele conheceu a esposa Rosângela, com quem está casado até hoje e tem dois filhos, Ana Larissa, de 17 anos, e Sávio Filho, de 14.

Já sua previsão de que não conseguiria passar no vestibular felizmente foi falha e ele acabou conquistando uma vaga no curso de Matemática de uma universidade pública, o que o credenciou também a passar num concurso para professor da rede pública estadual de ensino.

O comércio está na vida de Anelita Coelho Soares há 21 dos seus 52 anos de vida. Tesoureira da Fecomércio/CE, ela diz que foi na instituição que se encontrou profissionalmente. Era 1º de julho de 1997 quando Anelita entrou na Federação como assistente do encarregado do setor da Contabilidade, depois de passar por uma entrevista que definiria seu futuro profissional. “É uma casa muito afetuosa, tudo o que eu tenho profissionalmente é graças à Fecomércio”, assinala a historiadora e contabilista. Para ela, é gratificante estar num local de trabalho onde há receptividade, respeito, liberdade e autonomia. Além de perspectivas de melhora e ascensão.

Anelita destaca ainda que a instituição lhe apresenta constantemente desafios que exigem dela mudanças e a realização de muitas experiências. Para ela, a criação do IPDC há 20 anos – processo do qual participou direta e ativamente – é um dos maiores marcos de sua carreira nessa entidade que congrega há 70 anos as empresas e os trabalhadores do comércio no Estado do Ceará.

As três experiências de vida relatadas são apenas uma pequena mostra do que é possível transformar por meio de ações que congregam áreas tão fundamentais para a vida do ser humano, como é o trabalho, a arte, a cultura e a educação. Afinal, o comércio é troca, movimento, partilha, conhecimento.

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS PARA INTERNET (WEBCONTENT) NO PORTAL O POVO ONLINE SOBRE A ATUAÇÃO DA CSP NO CEARÁ

<https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/csp/2018/10/conheca-o-que-mudou-no-ceara-com-a-chegada-da-csp.html>

<https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/csp/2018/11/tecnologia-e-pioneirismo-na-siderurgia-em-favor-do-meio-ambiente.html>

https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/csp/2018/11/comunidades-fortalecidas-com-programas-e-acoes-de-siderurgica-no-ceara.html?fbclid=IwAR3Im6N9IeqZrPmxH07XiWzoVcoBw9Fn7_Sch0x0CFjQbPWEk0QOmAquhqc

<https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/csp/2018/11/siderurgica-e-a-ncora-do-desenvolvimento-economico-local-do-pecem.html>

Conheça o que mudou no Ceará com a chegada da CSP

A Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) é a responsável por levar o Ceará a uma posição relevante no setor siderúrgico nacional, proporcionando também o aumento da exportação geral do Estado de R\$ 1 bilhão para R\$ 2 bilhões com suas vendas de placas de aço ao exterior

31/10/2018 07:00:00

[FOTO1] Tamirys Ferreira de Moraes, de 29 anos, encontrou uma oportunidade profissional na Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP). Ela trabalha na sala de controle do Pátio de Matérias-Primas da siderúrgica, em uma atividade essencial para a área dela. A técnica em petróleo e gás começou como estagiária, em 2015, e, em pouco tempo, foi efetivada como empregada da empresa. "Quero me capacitar em eletrotécnica para crescer na CSP", projeta Tamirys.

[FOTO2]Claudio Henrique Paiva Filho, de 34 anos, após dez anos trabalhando como mecânico em uma indústria têxtil de Maracanaú, fez um curso de aprimoramento na profissão e decidiu enviar o currículo para a CSP. Em 19 de outubro de 2015, passou de mecânico a técnico em manutenção. Uma nova empresa em uma nova atividade. Segundo ele, sua renda mensal praticamente dobrou, o que o possibilitou comprar a casa própria para morar com a esposa e a filha. Agora, seu objetivo é estudar para se tornar engenheiro de produção.

Tamirys e Cláudio são dois entre milhares de exemplos de cearenses e brasileiros que foram impactados positivamente pelas oportunidades geradas pela siderurgia no Ceará, que investiu e investe em formação de mão de obra e em desenvolvimento de fornecedores. Ainda que a maior parte de sua produção seja destinada ao mercado internacional, a CSP, por exemplo, tem como um dos seus pilares contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável do Ceará.

Atualmente, são cerca de 20 mil empregos gerados pelas atividades da CSP, levando em conta os diretos e indiretos, que incluem os empregos gerados pelas empresas contratadas pela siderúrgica. De acordo com o Observatório da Indústria, pelo menos a partir de 2014, com a instalação da companhia, o volume de postos de trabalho gerados na siderurgia do Ceará começou a crescer significativamente, bem como o dinheiro movimentado por esses novos empregados.

Em 2013, o setor da siderurgia gerava 588 vagas de empregos formais diretos no Estado. Com a implantação gradativa da CSP, o setor passou a gerar, em 2017, 3.089 postos de trabalho diretos, o que representa um salto de 0,7% para cerca de 4% do total de empregos do Ceará.

Desenvolvimento e contratação de fornecedores locais

Um das contribuições do setor siderúrgico no Estado para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável foi o investimento na capacitação de fornecedores locais, como a criação do Dia do Fornecedor Local. Só esta ação já gerou R\$ 5,5 milhões em negócios às empresas participantes, de fevereiro deste ano até agora. A partir do projeto, a CSP já recebeu 100 fornecedores da região, em geral pequenas e médias empresas, 74 fornecedores já foram qualificados e 26 estão em processo de análise.

De janeiro a agosto de 2018, já foram R\$ 560 milhões comprados de fornecedores locais. Em 2017, a CSP comprou R\$ 850 milhões desses fornecedores. Foram mais de US\$ 1,9 bilhão de compras locais na fase de construção. A companhia é a primeira

usina integrada do Nordeste, ou seja, a primeira usina que faz todo o processo produtivo do aço, desde o recebimento de matérias-primas até a placa de aço, gerando diferentes perfis de produtos e serviços comprados e contratados localmente.

Antonio Martins, do Observatório da Indústria, também ressalta que a CSP gera um impacto direto nos fornecedores de minerais não metálicos, como sílica, quartzo e dolomita, insumos importantes para a siderurgia.

[FOTO3]

O Ceará no mapa mundial da siderurgia

A CSP, que produz placas de aço desde junho de 2016 em São Gonçalo do Amarante, colocou o Ceará em uma posição de destaque no mercado siderúrgico brasileiro. A empresa atingiu a marca de 2.199.638 toneladas de placas de aço produzidas de janeiro a setembro de 2018, com performance em alta nos últimos três meses. No que se refere à exportação, a companhia embarcou 2.200.195 toneladas de placas de aço pelo Porto do Pecém. A capacidade instalada de produção da CSP é de 3 milhões de toneladas por ano.

Em dois anos de produção, os resultados alcançados só crescem, acompanhando o bom desempenho do mercado nacional. Segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABR), de janeiro a setembro, comparando 2018 com 2017, a produção de placas de aço cresceu 16%, totalizando quase 9 milhões de toneladas.

Ricardo Parente, gerente de Relações Institucionais e Comunicação da CSP e presidente da Associação dos Empresários do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Aecipp), destaca que a siderurgia é dona do maior investimento privado já realizado no Ceará, tornando a CSP a maior indústria do setor e impactando positiva e diretamente na balança comercial do Estado e do Brasil.

Na avaliação de Parente, "por termos um porto com excelente posição geográfica e tornando-se parceiro de Roterdã (Holanda), acredita-se em uma evolução institucional, administrativa e operacional do CIPP, conseqüentemente, com atração de novos investimentos para o complexo".

Antonio Martins, economista do Observatório da Indústria da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), afirma que, certamente, os resultados da CSP têm sido destaques no cenário nacional, uma vez que a companhia foi responsável por tirar o Ceará de uma posição até então pouco significativa no mercado siderúrgico do Brasil. Mais do que isso, as exportações da CSP passaram a responder por mais de 50% das

vendas totais do Estado para o mercado internacional, saindo de cerca de US\$ 1 bilhão para US\$ 2 bilhões em exportações.

O Ceará deixou de ser apenas exportador de frutas, calçados, castanhas de caju e camarão para entrar no rol dos chamados "players" da siderurgia. O Estado contabiliza em 2018 um total de US\$ 896,8 milhões exportados em produtos de ferro fundido, ferro e aço. Em 2014, esse valor era de apenas US\$ 2,87 milhões.

Para Martins, as expectativas do setor siderúrgico no Estado para os próximos anos são animadoras, em especial para a CSP, cuja produção é destinada quase que totalmente ao mercado externo, não dependendo demasiadamente da construção civil nacional. A CSP está localizada em uma ZPE (Zona de Processamento de Exportação) – que exige, no mínimo, 80% do faturamento sendo proveniente de exportação. "O mais importante para a CSP é o crescimento dos Estados Unidos, México e Turquia, seus maiores compradores", assinala Martins.

E para o futuro?

A CSP objetiva manter os bons resultados alcançados em 2018, chegando à sua capacidade nominal, com foco nos conceitos de austeridade, eficiência e zero desperdício. Atualmente, são mais de 180 tipos de placas de aço sendo destinadas pela empresa para mais de 20 países. Os principais compradores das placas de aço da CSP, de agosto de 2016 a setembro de 2018, foram: Estados Unidos (1.287.395 t de placas de aço compradas); México (921.374 t de placas de aço compradas); Turquia (804.867 t de placas de aço compradas); Brasil (355.721 t de placas de aço compradas) e Coreia do Sul (343.836 toneladas de placas de aço compradas). As exportações de placas de aço da CSP aumentaram em mais de 70% as exportações do Porto do Pecém.

Sobre a CSP

Constituída em 2008, a CSP é uma joint venture binacional formada pela brasileira Vale (50% de participação) e pelas sul-coreanas Dongkuk (30%) e Posco (20%). Com investimento da ordem de US\$ 5,4 bilhões, a CSP está localizada em uma área de 571 hectares. A composição acionária da CSP traz pela primeira vez ao Brasil a expertise de mercado da Dongkuk, maior compradora mundial de placas de aço, e o conhecimento tecnológico da Posco, quarta maior siderúrgica do mundo e a primeira na Coreia do Sul. A CSP integra o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), no Ceará, dentro da primeira Zona de Processamento de Exportação (ZPE) brasileira, fatores fundamentais para garantir ampla competitividade ao produto nacional. A produção da empresa é voltada para geração de produtos laminados de alta qualidade para a indústria naval, de óleo & gás, automotiva e construção ci

Tecnologia e pioneirismo na siderurgia em favor do Meio Ambiente

Instalada em São Gonçalo do Amarante, a CSP investe em tecnologias de ponta, a exemplo do Baosteel Slag Short Flow, equipamento único no Brasil de tratamento de escória. A companhia se destaca pelo seu processo de reutilização de água

15/11/2018 08:00:00

A professora do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Universidade Federal do Ceará (UFC), Janaína Machado, destaca que as usinas siderúrgicas estão investindo cada vez mais em equipamentos de alta eficiência para controle de emissões atmosféricas, lançamento de efluentes e gerenciamento de resíduos. "No caso da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), os gases gerados são reaproveitados nas unidades operacionais da própria usina", observa.

A CSP é autossuficiente em geração de energia, pois reaproveita a queima dos gases produzidos, cerca de 95%, durante o processo de fabricação de coque, de ferro-gusa e do próprio aço. O engenheiro de produção e coordenador da Termelétrica da CSP Rafael Kogake, 32, afirma que a termelétrica a gás da CSP tem a capacidade de produzir 200 megawatts de energia, suficiente para abastecer uma cidade com 870 mil residências. "Além de gerar toda a energia que consome, a CSP fornece o que sobra para o Sistema Interligado Nacional (SNI). A termelétrica também monitora continuamente as emissões em tempo real, o que possibilita o controle imediato da eficiência de queima de gases", salienta.

[FOTO1]

Outro aspecto ressaltado por Janaína é que os índices de recirculação de água nas empresas siderúrgicas vêm crescendo, chegando, em algumas companhias, a superar os 98%. Bárbara Morais, engenheira química e coordenadora de Tratamento de Água da CSP, pontua que a indústria esgota todas as possibilidades de utilização da água antes de que seja tratada e descartada, a exemplo de reúso para umectação de vias e jardins. O percentual de recirculação de água da companhia chega a 98,5%, performance considerada elevada.

Destinação correta e pioneirismo

O engenheiro químico Leonardo Veloso, 37, é coordenador de Meio Ambiente da CSP. Ele chegou ao Ceará trazendo na bagagem sua experiência de uma grande siderúrgica do Minas Gerais, no Sudeste do Brasil. Ele destaca que foi e continua sendo investido no desenvolvimento de programas, processos e tecnologias de monitoramento com objetivos de preservação ambiental. Segundo Veloso, são aproximadamente 80 equipamentos utilizados para controlar as emissões, tratar efluentes e destinar corretamente os resíduos gerados, em especial os oriundos diretamente do processo de produção do aço.

[FOTO2]

A gestão ambiental da CSP é realizada com investimentos estratégicos em tecnologias de ponta, a exemplo da Baosteel Slag Short Flow (BSSF), planta de tratamento de resíduos que utiliza a escória de aciaria e gera um coproduto, vendido para a indústria cimenteira. Atual coordenador de Meio Ambiente da CSP, Veloso explica que a BSSF, cujo processo é limpo, rápido e seguro, é uma plataforma inédita no Brasil. A CSP já investiu R\$ 1 bilhão somando esse e outros equipamentos ambientais, acrescenta Veloso.

A indústria trabalha hoje em três áreas de atuação quanto à sustentabilidade: licenciamento ambiental, que busca a conformidade e o atendimento às legislações; controle ambiental, com foco no monitoramento dos processos industriais para assegurar uma operação mais sustentável possível e a gestão ambiental, com vistas à utilização de tecnologias que minimizem os efeitos da produção no Meio Ambiente. A companhia conquistou a certificação ISO 14001, que atesta seu compromisso com a prevenção de riscos ambientais, demonstrando também o envolvimento de seus empregados em desenvolver um trabalho com viés de sustentabilidade.

"É um controle rigoroso para manter a companhia dentro dos melhores padrões internacionais. Nossos índices estão sempre dentro da normalidade, pois, além de ser uma empresa nova, tem um projeto muito bem concebido e moderno. Inclusive, a CSP já foi planejada para emitir no máximo 50% dos gases aceitos pelo padrão legal, pensando no longo prazo e em possíveis mudanças na legislação", afirma o gestor. A companhia também consegue remover o enxofre de 100% do gás de coqueria gerado, reduzindo as emissões de SO₂, atendendo aos limites legais nas chaminés.

Para além da legislação

A total obediência às leis ambientais é um ponto que a CSP trabalha desde sua instalação, frisa Veloso. Ele observa que os órgãos ambientais são regularmente informados e atualizados sobre os dados ambientais de siderúrgica e ressalta o importante papel de fiscalização e cobrança da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), que, desde o começo, acompanha os estudos e projetos necessários ao licenciamento ambiental da siderúrgica.

"A sustentabilidade na CSP é sempre pautada por um bom planejamento, com tempo suficiente para a análise e o desenvolvimento de estudos bem elaborados por especialistas competentes, sem atropelamentos", enfatiza o coordenador. Lincoln Davi, diretor de Controle e Proteção Ambiental da Semace, explica que a avaliação da CSP é feita por meio dos chamados condicionantes de auto monitoramento. "Há condicionantes para o monitoramento dos efluentes líquidos, para os efluentes gasosos, entre outros que o empreendimento tem que apresentar." São documentos como o Relatório de Acompanhamento e Monitoramento Ambiental (Rama), o Estudo de Impactos Ambientais (EIA) e o Relatório de Impactos Ambientais (Rima).

Sete anos antes de produzir sua primeira placa de aço, 100% reciclável, a CSP começou a elaborar o Plano de Controle e Monitoramento Ambiental (PCMA). O documento, entre outros aspectos, prevê o monitoramento ambiental na área de 988 hectares onde a CSP está instalada, no Pecém. A siderúrgica identificou 89 espécies da fauna e 90 da

flora, coletou 640.199 sementes de 43 espécies, plantou 320.969 mudas de espécies nativas e resgatou 6.424 animais, que fazem parte hoje do habitat da Estação Ecológica do Pecém e da Lagoa do Bolso. O empreendimento investiu R\$ 3 bilhões no reflorestamento de 412 hectares.

Vicente Rocha, secretário de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) de São Gonçalo do Amarante – município onde está sediada a CSP – avalia como positiva a atuação da empresa em relação à proteção ao Meio Ambiente, em especial os esforços para evitar ao máximo os riscos ambientais e promover um diálogo com o poder público municipal e a comunidade. Ele destaca que técnicos da CSP e da Verde Vida Engenharia Ambiental ministraram treinamentos sobre educação ambiental para 1.056 estudantes de 103 turmas de universidades e escolas da região.

Comunidades fortalecidas com programas e ações de siderúrgica no Ceará

Atuação de responsabilidade social da Companhia Siderúrgica do Pecém levaram ações como Território Empreendedor e Ideia da Gente a comunidades onde a siderúrgica está instalada. Conheça histórias de pessoas com histórias transformadas por programas de desenvolvimento local

21/11/2018 08:00:00

Participar do programa Território Empreendedor significou para Lucineide Frota Rocha, 54, um divisor de águas. Foi fazendo os cursos **oferecidos** pelo projeto, realizado pela Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) em parceria com a Prefeitura de São Gonçalo do Amarante e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Ceará (Sebrae/CE), que a conselheira tutelar tomou conhecimento da iniciativa e se sentiu capaz de concorrer à licitação para contratação da empresa fornecedora do *buffet* servido nos eventos da CSP.

Até março de 2018, quando venceu o certame, ela produzia comida por encomenda apenas para amigos e conhecidos. Agora, sua empresa presta serviço para outras empresas e instituições, além de trabalhar com um buffet para todo tipo de evento em São Gonçalo do Amarante. O negócio tem **crecido**. Ela destaca ainda que todo o conhecimento adquirido nos cursos do Território Empreendedor desde 2016 consolidou-a como pequena empresária, dona de um negócio que emprega três pessoas e de uma renda que em apenas oito meses já chegou a duplicar. "Fiquei surpresa com o resultado", diz.

Diante do novo horizonte que se abriu, ela arregaçou as mangas, foi em busca do capital de giro e consegue atender cada vez melhor sua mais nova clientela. "Só tenho a agradecer ao Programa Território Empreendedor, pois as portas se abriram para mim e o meu negócio. Só estou onde estou por causa disso." Lucineide segue firme realizando todos os cursos que o programa **disponibiliza**. Marketing, vendas, planejamento, empreendedorismo, finanças, atendimento ao consumidor aplicados à gastronomia são temas que a pequena empresária utiliza agora em sua rotina profissional por causa da capacitação contínua.

Para expandir horizontes

Depois de concluir um conjunto de cursos voltados ao empreendedorismo do Território Empreendedor, Roselane Gomes Braga do Nascimento, 26, também sente os **efeitos** positivos da iniciativa. "Eu vejo que meu negócio está rendendo mais depois que comecei a entender melhor o que faço", conta a pequena empreendedora, que fabrica e vende artesanato em ponto de cruz, fuxico e laços na feira de São Gonçalo do Amarante. Ela participa da ação da CSP desde fevereiro de 2018 e de lá para cá se capacitou em marketing, atendimento ao cliente, relação com parceiros comerciais, entre outros segmentos.

A capacitação continuada já entrou na rotina diária de Roselane, o que também a **incentivou** a iniciar um curso superior em Recursos Humanos. Atualmente, ela está participando do Liderar, projeto da siderúrgica para a formação de lideranças empreendedoras, e já planeja utilizar o conhecimento adquirido para ser parte de uma rede de cooperação que busca contribuir com a circulação de dinheiro dentro da própria região. "Queremos nos unir em uma rede de empreendedores para comprar e fornecer dentro da nossa região, tendo a CSP como parceira", conta Roselane, cujo marido, depois de passar meses desempregado, é encanador industrial de uma das empresas fornecedoras da companhia.

[FOTO1]

A gerente de Relações com Comunidade da CSP, Cristiane Peres, observa que a companhia, desde o início de sua concepção, sempre se comprometeu com o meio ambiente e com a comunidade vizinha. "Sabendo que vamos catalisar o desenvolvimento regional, a intenção da empresa é fazer isso de forma harmônica e sustentável". Para tal, os esforços direcionados às ações são robustos e **contínuos**. Iniciativas que vão bem mais além da oferta de empregos diretos na usina. A ideia é que a companhia atue como uma indutora da capacidade econômica e social dos moradores da região. Desde 2012, já foram investidos mais de R\$ 40 milhões em programas e projetos, atendendo a aproximadamente 28 mil pessoas.

O Território Empreendedor é uma das ações contínuas que a CSP realiza junto às comunidades da região onde está inserida. O investimento total nos dois ciclos da parceria CSP/Sebrae/Prefeitura de São Gonçalo do Amarante é de aproximadamente R\$ 1,2 milhão, utilizados para o incentivo, a formação e a orientação de empreendedores. Iniciado em 2015, o Território Empreendedor foi **remodelado** em sua terceira fase para impactar positivamente um público-alvo mais amplo. Ao todo, cerca de mil pessoas já participaram dele, que beneficia negócios formais e informais, potenciais empreendedores, empreendedores rurais, entre outros públicos.

Desenvolvimento e diálogo

Cristiane destaca o Conselho Comunitário do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) como um dos resultados diálogo que a empresa desenvolve com as comunidades. O conselho é um fórum com 40 lideranças comunitárias da região. Já o Diálogo Social, implantado em 2013, contribui para **estreitar** a relação da CSP com a comunidade vizinha. Segundo Cristiane, por meio do programa, são esclarecidas

dúvidas dos moradores em relação ao funcionamento da companhia, além de buscar o fortalecido o senso de pertencimento por meio de reuniões comunitárias.

Todas estas ações contam com a participação dos "embaixadores do diálogo", empregados da CSP que moram na região e ajudam a levar informações para suas localidades. "Trabalhamos ainda com um grupo de empresas do CIPP em parceria com a Associação das Empresas do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Aecipp)", fala, referindo-se à entidade que reúne **representantes** de empresas do complexo para a realização de ações sociais no território.

Um dos resultados práticos desse diálogo constante é que três obras de infraestrutura já foram executadas em parceria com a Prefeitura de São Gonçalo do Amarante, alinhadas com o interesse das comunidades. A mais recente obra entregue foi a Praça da Juventude, no Pecém, como parte do Programa de Melhoria de Infraestrutura Social, cujo **investimento** alcança R\$ 9 milhões, incluindo uma creche-escola na comunidade de Acende Candeia e a Praça da Parada, na comunidade Parada.

[FOTO2]

O investimento na Praça da Juventude, área de três mil metros quadrados contendo equipamentos para esporte e lazer, chegou a R\$ 2,249 milhões, **beneficiando** cinco mil moradores. Um deles é Luís Romário Sampaio Alves, 24, morador do Pecém e atualmente técnico de produção na CSP. Antes, Alves trabalhava no Porto como conferente de materiais e deixou o emprego para aumentar a renda atuando como almoxarife durante a construção da CSP. Findada a obra, não demorou para que fosse contratado.

"Hoje, tenho um emprego estável, com benefícios muito bons. Sem dúvidas, não tem nenhuma empresa aqui no Pecém tão engajada com a comunidade como a CSP", enfatiza o hoje estudante de Engenharia Civil. Sua esposa também sente os efeitos positivos da chegada da companhia, tendo em vista que o pequeno negócio da família, uma padaria, também tem sentido o efeito do desenvolvimento da região.

Ideias das comunidades

Além do Território Empreendedor, a companhia desenvolveu outros programas. Um deles, o Ideia da Gente, completou três **ciclos** totalizando R\$ 3,4 milhões em investimento. Os recursos, que beneficiaram cerca de duas mil pessoas, foram destinados a apoio financeiro e capacitação continuada de moradores que inscreveram seus próprios projetos.

Siderúrgica é âncora do desenvolvimento econômico local do Pecém

A instalação de grandes indústrias em São Gonçalo do Amarante promoveu o crescimento de outros negócios, em especial de pequenos empreendedores locais. De 2012 a 2017, o número de micro e pequenas empresas (MPE) no município cresceu em 181,88%

29/11/2018 08:00:00

A administradora de empresas Elisângela Marques Bezerra, 44, chegou ao Pecém há cerca de oito anos, juntamente com seu marido, o chefe de cozinha argentino Juan Sciurano, disposta a **investir** em uma região em plena expansão econômica. As perspectivas de crescer a reboque das grandes empresas que se instalavam no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (Cipp) eram reais e muito positivas. Segundo Elisângela, a construção da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) foi o grande chamariz para sua decisão de trocar Fortaleza, onde já morava há 14 anos, por São Gonçalo do Amarante. Hoje, as empresas do casal empregam, ao todo, nove pessoas.

"Como sou paulista e frequentava muito Santos, eu via como a economia da cidade e da região era **movimentada** pelo porto e pelas empresas que se instalaram lá. Então, eu vi que era uma boa oportunidade investir no Pecém", conta Elisângela, que tem atualmente dois negócios no local: uma pousada, inaugurada em 2013, e o restaurante Dom Vicente, na Praia da Colônia, criado em 2017.

A empresária sabe que ainda há muito a crescer, tendo em vista as **expectativas** de que mais indústrias se instalem na região e de que as que já estão instaladas ampliem suas atividades nos próximos anos. Elisângela enfatiza que o movimento do restaurante chegou a duplicar desde a sua inauguração e projeta que, se as expectativas de crescimento no Cipp se confirmarem, possivelmente o casal abra outro restaurante até 2020.

Trabalho de longo prazo

Victor Samuel, secretário de Desenvolvimento Econômico de São Gonçalo do Amarante, afirma que a siderúrgica trouxe muitas **mudanças** e alavancagem ao território durante sua implantação e, agora, com o seu pleno funcionamento. Para ele, tão importante quanto a chegada da usina é a implementação, no futuro, do polo metal mecânico, que tem a siderúrgica como a grande âncora.

[FOTO2]

"A CSP é a grande âncora do Cipp e não só para São Gonçalo do Amarante, mas para o Pecém como um todo, incluindo parte de Caucaia. Impacta também Fortaleza, beneficiada hoje em relação aos empregos que exigem uma maior qualificação", assinala Samuel. Ele diz que São Gonçalo do Amarante vem realizando, em **parceria** com a CSP, um trabalho em longo prazo, visando a aumentar o percentual de empregados permanentes que morem, consumam e vivam na região. E os negócios que têm se estabelecido em virtude das grandes companhias do Cipp também são grandes geradores de empregos.

O sociólogo Janivaldo Teixeira Ferreira, 52, tanto sabe disso que, há um ano e meio, instalou sua empresa, a Tellus Consultoria, para prestar serviços na área de **desenvolvimento** territorial tendo em vista os impactos do Cipp. São projetos de consultoria em temáticas como diálogo social, relacionamento com as comunidades, projetos sociais, empreendedorismo, associativismo e responsabilidade social. "Tudo que tem a ver com o desenvolvimento do território e com a potencialização dos

negócios na região", observa Ferreira, que durante quatro anos trabalhou para a CSP na área de diálogo com as comunidades.

"Na perspectiva econômica, com a circulação de dinheiro e a arrecadação de impostos, a CSP é uma indutora de negócios na região. Mas não só isso. A siderúrgica tem uma política de **sustentabilidade** consolidada, que inclui, entre outras ações, a capacitação das pessoas para fornecerem produtos e serviços à usina", afirma o consultor. Ele cita o programa Território Empreendedor, que capacita os pequenos empreendedores da região. Ele mesmo já fez dois cursos, um sobre base produtiva para gestão de pequenos negócios, e o "Liderar", que forma lideranças e estimula o associativismo.

De acordo com o consultor, também presidente da Associação Empresarial e Comercial do Pecém (Unipecém), o resultado desse trabalho é a **implementação** de uma rede de cooperação, lançado em 2017, o fórum tem reunido pequenos empreendedores da região que têm se articulado para desenvolver e fortalecer seus negócios. Atualmente, a rede tem 57 participantes.

Incremento de 181% de micro e pequenas empresas

Para Joaquim Cartaxo, superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Ceará (Sebrae/CE), parceiro da CSP no programa Território Empreendedor, São Gonçalo do Amarante nos últimos anos tornou-se terreno fértil para o empreendedorismo, devido ao conjunto de oportunidades surgidas com os **investimentos** estratégicos. "É preciso olhar o território como um celeiro de oportunidades de trabalho e renda, ou seja, para além do emprego, é preciso perceber as oportunidades para empreender", afirma.

"O resultado disso é que, entre 2012 a 2017, o número de micro e pequenas empresas (MPE) no município cresceu em 181,88%, um incremento anual de 30,31%. Em 2017, o número de MPE alcançou a marca de 3.205 empresas ativas. Entre os aspectos qualitativos, o superintendente destaca a riqueza do capital social, "rico e dinâmico que tem se organizado para colocar o **fortalecimento** da economia local como uma das principais pautas do município."

[FOTO3]

Retorno às origens

Em 2013, Maria da Conceição Martins Viana, 40, voltou a morar no Pecém, sua terra natal, por conta da siderúrgica. A tecnóloga em Gestão Empreendedora **enxergou** o potencial para as melhorias econômica e social das comunidades. Depois de trabalhar para a própria CSP em dois projetos de incentivo ao empreendedorismo na região – o Trigo de Ouro Caraúbas, para negócios no setor de panificação, e o projeto Transformando Vidas – Conceição decidiu alavancar os negócios da sua própria empresa, a DRH Educação Profissional.

Para atender à demanda das empresas do Cipp e dos demais negócios surgidos em torno do **complexo**, Conceição identificou a necessidade de que as pessoas da região estejam

cada vez mais qualificadas profissionalmente. Para isso, a DRH oferece cursos profissionalizantes a preços populares e, atualmente, conta com cerca de 380 alunos. “São pessoas que precisam aprender inglês, informática e se aperfeiçoar na área comportamental para atuar no âmbito corporativo”, salienta a empreendedora, cujo negócio, em 2018, cresceu cerca de 200%.

[FOTO4]

Conceição não tem dúvidas de que a siderúrgica tem **atraído** muitos dos negócios surgidos na região nos últimos anos. "E a expectativa é de que essas empresas trabalhem o lado social para melhorar a questão do emprego e qualificar as pessoas, visando a um crescimento sustentável, porque a comunidade acha o caminho. É só incentivar, como faz a CSP."

Ricardo Sabadia, diretor executivo da Associação das Empresas do Cipp (Aecipp), ratifica que a siderúrgica é a grande indutora do desenvolvimento dos negócios surgidos nos últimos anos para suprir a demanda das empresas do complexo. No caso da CSP, são empresas na área de logística, transportes, processamento de **resíduos** siderúrgicos, gases industriais, energia, engenharia, insumos para a siderurgia, entre outros setores. O Cipp gera um volume anual de compras em torno de R\$ 5 bilhões, sendo a siderúrgica responsável por aproximadamente 60%.

Segundo Sabadia, as próprias empresas beneficiadas devem investir cada vez mais para desenvolver e qualificar fornecedores locais, ação que a siderúrgica já vem realizando desde a fase de construção. A expectativa da Aecipp é de que, em 2019, a entidade inicie uma grade de **formação** desses empreendedores locais para que possam prestar serviços e oferecer produtos com padrão internacional. Cartaxo, do Sebrae-CE, acrescenta que a condução do trabalho da CSP tem sido voltada para estimular o protagonismo da comunidade. “É necessário, portanto, preparar os empresários, compreendendo toda a cadeia de fornecimento, não só para a CSP mas para as empresas do Cipp."

Redação e edição do livro Haiti por si: em busca da independência roubada em 2013, traduzido para o espanhol, crioulo haitiano, francês e italiano

O livro pode ser acessado nos links https://issuu.com/adital/docs/haiti_por_si_adital_adriana-santiag

<https://issuu.com/adital>

Redação e edição do livro Esticadores de horizontes: narrativas juvenis sobre vidas reinventadas, em 2017

Confira o livro no link https://issuu.com/adital/docs/42982_-_adital_-_livro_issuu

Redação do relatório de gestão da Cagece 2015-2018

Acesso ao livro no link
<https://www.cagece.com.br/wp-content/uploads/2019/04/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-2015-2018-FINAL-ISSUU.pdf>

Edição do livro Caminho das águas: histórias de convivência com a seca no Ceará

Link para acesso ao livro:
https://issuu.com/sala.todospelaagua/docs/caminho_das_aguas_-_web



Diversidade Sexual

Publicado por [Benedito Teixeira, da Adital](#) 26/09/2013 10:35

São Paulo – O tema da homossexualidade, ou do homoerotismo, ou da homoafetividade, como preferem alguns, é praticamente sinônimo de polêmica em se tratando de Brasil, um país de ampla maioria cristã. Portanto, com uma população pouco simpática às relações sexuais fora dos padrões chamados heteronormativos, baseados nas relações homem x mulher, no casamento e no sexo para procriação. Nos últimos anos, devido à presença cada vez maior do tema na televisão e na Internet, principalmente, a polêmica parece ter crescido. E, para completar, a recente eleição de um pastor evangélico para a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, acusado de homofobia e racismo, bem como as declarações do Papa Francisco sobre os gays durante a Jornada Mundial da Juventude, realizada no Brasil – “quem sou eu para julgar os gays” -, acirraram os ânimos do povo, criando uma verdadeira divisão entre militantes contrários e pró-homossexualidade.

Polêmica é sinônimo de audiência e a televisão brasileira está sabendo tirar muito bem proveito disso, em especial por meio do seu principal produto interno e para exportação, a telenovela. No horário das 21h, considerado o mais nobre da televisão, a atual novela, “Amor à vida”, da Rede Globo, bateu o recorde de personagens homoafetivos na trama, pelos menos três. Até a TV Record, cujo proprietário, o bispo Edir Macedo, é líder da Igreja Universal do Reino Deus, conhecida por seu fundamentalismo em se tratando da questão homossexual, já tem personagens gays em suas novelas. Mas a pergunta é: de que forma esses personagens são apresentados?

Irineu Ramos Ribeiro, autor do livro “A TV no armário”, lançado pelas Edições GLS, em entrevista a **Adital** afirma que nunca se falou tanto do tema na televisão brasileira e, para ele, o balanço atual é mais positivo do que negativo. Ou seja, as personagens estão cada vez mais próximas do que acontece na vida real. Na sua avaliação, a televisão teve que ceder às pressões de grupos gays organizados e da própria sociedade. “A mídia eletrônica só funciona na pressão e essa pressão demandava que fossem mostradas personagens gays de forma mais visível e menos jocosa”, afirma. Ele reconhece que o Brasil ainda está distante do nível de abordagem do tema por TVs de outros países, como a Alemanha e os Estados Unidos, e acredita que ainda há um longo caminho a percorrer, mas que a televisão brasileira vai chegar lá.

Nos EUA, para a construção de personagens homossexuais, os roteiristas consultam regularmente a organização não governamental Glaad (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation). O objetivo é evitar abordagens que difamem e excluam cada vez mais a figura do homossexual. O Brasil está longe disso, mas ao mostrar personagens em situações e com caráter de gente “normal”, para Ribeiro, há uma clara evolução. É o caso, por exemplo, do casal Eron e Niko, de “Amor à vida”, em que um deles se envolve sexualmente com uma amiga mulher, e também do vilão Félix, uma das personagens de maior destaque da telenovela brasileira na atualidade (fotos). “Quando se mostra que um gay pode, eventualmente, ter relações sexuais com mulheres sem que, por isso, ele deixe de ser homossexual; ou que um gay pode ter falhas de caráter, isso está representando o que acontece na realidade”, salienta o escritor, que também é editor

de uma revista de turismo gay, Via G, e membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Comportamento e Sexualidade (CEPCoS).

Apesar de toda essa evolução, em pleno século XXI, manifestações de afeto e de relações sexuais ainda ficam de fora das cenas envolvendo as personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras. Até hoje, só um beijo entre lésbicas foi registrado, na novela “Amor e revolução”, do SBT, em 2011. Os valores religiosos conservadores ainda seriam o principal motivo para a ausência de manifestações de afeto e de desejo sexual. Ribeiro afirma que, em relação ao sexo, principalmente, o forte caráter religioso da população brasileira ainda inibe esse tipo cena. Não por acaso, o livro de Ribeiro, lançado em 2010, revela como as emissoras ainda se pautam pelo preconceito.

Plábio Marcos Martins Desidério, professor da Universidade Federal do Tocantins, no artigo “Ficção e Homossexualidade na Tv Brasileira: de Eduardo e Hugo à Félix”, afirma que, mesmo que os escritores queiram abandonar estereótipos que foram e ainda são representados na televisão, eles acabam adotando representações da família tradicional, heterossexual, moderna e burguesa. Para ele, as mídias sociais talvez sejam, hoje, o principal termômetro em que os escritores e as emissoras utilizam para avaliar a produção televisiva.

No artigo “Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados”, Leandro Colling, pesquisador associado do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT) e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), relata que, na década de 70, os gays nas telenovelas da Globo eram ligados com a criminalidade e a maioria era efeminada, afetada ou baseada em estereótipos. Na década de 80, a emissora começou a alternar personagens efeminados e afetados com personagens ditos “normais”, que não demonstravam nenhum traço que os distinguisse dos demais.

“Uma parte significativa dos personagens não mantém relação com ninguém e, quando isso ocorre, as cenas de sexo ou mesmo beijos não são exibidos. Ou seja, a televisão não mostra exatamente o principal aspecto que nos diferencia dos heterossexuais: com quem fazemos sexo. Além disso, a partir da década de 90, verificamos que, quando os personagens não são afetados, eles passam a se comportar dentro de um modelo heteronormativo”, assinala Colling.

Redução da maioria penal afeta, sobretudo, jovens negros e marginalizados

<https://revistaforum.com.br/reducao-da-maioridade-penal-afeta-sobretudo-jovens-negros-e-marginalizados/>

A redução da maioria penal no Brasil, de 18 para 16 anos, que entrou na pauta da Câmara dos Deputados na última semana, segue mobilizando entidades sociais e de direitos humanos contrárias à PEC; confira o que pensam essas entidades

Por Benedito Teixeira, na [Adital](#)

A redução da maioridade penal no Brasil, de 18 para 16 anos, que entrou na pauta da Câmara dos Deputados na última semana, segue mobilizando entidades sociais e de direitos humanos contrárias à referida Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 171/93.

A Cáritas brasileira, organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), divulga um manifesto no qual reafirma seu posicionamento contrário às propostas que tramitam no Congresso Nacional e que versam também sobre o aumento do tempo de internação para menores infratores. “Compreendemos que crianças e adolescentes respeitados em seus direitos dificilmente serão violadores/as dos Direitos Humanos”, diz um trecho do manifesto.

“Ressaltamos o nosso compromisso de exigir a obrigação e responsabilização do Estado em garantir os direitos constitucionais fundamentais para todas as crianças e adolescentes, assegurando-lhes condições igualitárias para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, assim como assegurar que as famílias, a comunidade e a sociedade tenham condições para assumir as suas responsabilidades na proteção de seus filhos/as”, diz o texto.

O manifesto da Cáritas destaca que as medidas de redução de direitos, principalmente no que se refere à redução da maioridade penal e do aumento do período de internação, atinge principalmente os e as jovens marginalizados e marginalizadas, negros e negras, aqueles que moram na periferia, que já tiveram todos os seus direitos de sobrevivência negados previamente. Para a entidade, é preciso constatar que a violência tem causas complexas que envolvem: desigualdades e injustiças sociais; aspectos culturais que corroboram para a construção de um imaginário de intolerâncias e discriminações, especialmente contra a população negra, pobre e jovem.

Além disso, “a realidade de políticas públicas ineficazes ou inexistentes; falta de oportunidades para o ingresso de jovens no mercado de trabalho; e a grande mídia que atribui valores diferentes a pessoas diferentes conforme classe, raça/etnia, gênero e idade”. A medida de redução da maioridade penal, para a Cáritas, é remediar o efeito e não mexer nas suas causas estruturais. Pesquisas no mundo todo comprovam que a diminuição da maioridade penal não reduz o índice de envolvimento de adolescentes em atos infracionais.

Já a Pastoral da Juventude (PJ), organização da Igreja Católica também ligada à CNBB, em nota de repúdio à PEC 171/93 afirma que a característica massiva do encarceramento no Brasil soma-se o caráter seletivo do sistema penal: “mesmo com a diversidade étnica e social da população brasileira, as pessoas submetidas ao sistema prisional têm quase sempre a mesma cor e provêm da mesma classe social e territórios geográficos historicamente deixados às margens do processo do desenvolvimento brasileiro: são pessoas jovens, pobres, periféricas e negras”.

Trancar jovens com 16 anos em um sistema penitenciário falido que não tem cumprido com a sua função social e tem demonstrado ser uma escola do crime, não assegura a reinserção e reeducação dessas pessoas, muito menos a diminuição da violência. A

proposta de redução da maioria penal fortalece a política criminal e afronta a proteção integral do/a adolescente”, assinala a PJ.

Pressupostos equivocados

Já o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) afirma que a redução da maioria penal está em desacordo com o que foi estabelecido na Convenção sobre os Direitos da Criança, da ONU, na Constituição Federal brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Esta seria uma decisão que, além de não resolver o problema da violência, penalizará uma população de adolescentes a partir de pressupostos equivocados.

No Brasil, os adolescentes são hoje mais vítimas do que autores de atos de violência. Dos 21 milhões de adolescentes brasileiros, apenas 0,013% cometeu atos contra a vida. Na verdade, são eles, os adolescentes, que estão sendo assassinados sistematicamente. O Brasil é o segundo país no mundo em número absoluto de homicídios de adolescentes, atrás da Nigéria. Hoje, os homicídios já representam 36,5% das causas de morte, por fatores externos, de adolescentes no País, enquanto para a população total correspondem a 4,8%.

Mais de 33 mil brasileiros entre 12 e 18 anos foram assassinados entre 2006 e 2012. Se as condições atuais prevaleceram, outros 42 mil adolescentes poderão ser vítimas de homicídio entre 2013 e 2019. “As vítimas têm cor, classe social e endereço. Em sua grande maioria, são meninos negros, pobres, que vivem nas periferias das grandes cidades”, assinala o Unicef.

Face mais cruel

A Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente – ANCED/Seção DCI Brasil, organização da sociedade civil de âmbito nacional que atua na defesa dos direitos humanos da infância e adolescência brasileira, e a Rede Nacional de Defesa do Adolescente em Conflito com a Lei (Renade) também divulgam uma nota pública denunciando que a redução da maioria penal trata-se de medida inconstitucional e que submete adolescentes ao sistema penal dos adultos, contrariando tratados internacionais firmados pelo Brasil e as orientações do Comitê Internacional sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas.

“O modelo penitenciário brasileiro é a face mais cruel de uma política pública ineficaz e violadora de direitos humanos, não se configurando como espaço adequado para receber adolescentes, pessoas em fase especial de desenvolvimento. A redução das práticas infracionais na adolescência passa necessariamente pelo enfrentamento das desigualdades sociais e, especialmente, pela implementação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo [Sinase]”, observam a Anced e a Renade.

Alternativas ineficientes

O Núcleo Especializado de Infância e Juventude da Defensoria Pública de São Paulo encaminhou uma nota técnica a todos os deputados federais manifestando-se contrariamente à PEC 171/93, uma vez que a Comissão de Constituição e Justiça da

Câmara dos Deputados irá promover uma audiência pública para discutir a admissibilidade da proposta e outras a ela vinculadas.

O texto da nota destaca que as medidas de endurecimento do sistema penal adotadas ao longo dos anos, se mostraram alternativas ineficientes para reduzir a criminalidade e garantir segurança à população. Segundo pesquisa do Ministério da Justiça, após a promulgação da Lei dos Crimes Hediondos (Lei n.º 8.072/1990), a população carcerária no Brasil saltou de 148 mil para 361 mil presos entre 1995 e 2005, mesmo período em que houve o crescimento de 143,91% nos índices de criminalidade.

Ainda segundo o Ministério da Justiça, entre dezembro de 2005 e dezembro de 2009, a população carcerária aumentou de 361 mil para 473 mil detentos – crescimento de 31,05%, período que coincidiu com a entrada em vigor da Lei que recrudesceu as penas dos crimes relacionados ao tráfico de drogas (Lei n.º 11.343/2006).

A nota técnica lembra, ainda, que nos 54 países que reduziram a maioria penal não se observou diminuição da criminalidade, sendo que Alemanha e Espanha voltaram atrás na decisão após verificada a ineficácia da medida.

PUBLICIDADE

A Comissão Especializada de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Colégio Nacional de Defensores Públicos-Gerais (Condege) também divulgou uma nota pública manifestando repúdio às Propostas de Emenda Constitucional que pretendem a redução da maioria penal.

Mulheres continuam sendo condenadas e presas por sofrerem abortos espontâneos

<https://cirandas.net/fbes/artigos-e-reflexoes/mulheres-continuam-sendo-condenadas-e-presas-por-sofrerem-abortos-espontaneos>

30 de Janeiro de 2015, 7:51 , por Fórum Brasileiro de Economia Solidária (Artigos e reflexões) - [sem comentários ainda](#) | Ninguém está seguindo este artigo ainda.

Por Benedito Teixeira (adital.org.br)

O desprezo pela condição de cidadã e de sujeito de direitos das mulheres é tamanho que, em alguns países latino-americanos e caribenhos, até mesmo o aborto espontâneo é criminalizado e resulta em punições severas. Ou seja, é negado à mulher o direito de atender às exigências do próprio organismo, quando este, por algum motivo, não consegue dar prosseguimento a uma gravidez. A constatação é de Rosângela Talib, da coordenação das Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) no Brasil, movimento que partindo do ponto de vista teológico feminista luta pelo direito das mulheres de decidirem sobre a sua saúde reprodutiva, incluindo a descriminalização e legalização

total do aborto, mas principalmente no caso de risco de vida para a mulher, gravidez por violência sexual e gestação de anencéfalos.

Católicas pelo Direito de Decidir lutam pelos direitos reprodutivos e sexuais femininos à luz do catolicismo.

Parece mesmo irreal que uma mulher possa ser punida, inclusive condenada a prisão, por uma interrupção involuntária da gravidez. "É o extremo da culpabilização da sexualidade feminina", assinala Rosângela, para quem a igreja, em especial as cristãs como a católica, e os valores culturais continuam influenciando de maneira decisiva o imaginário social e as rígidas leis antiaborto na região latino-americana, quando, na verdade, o aborto deveria ser encarado como um problema de saúde pública. A punição de mulheres que sofrem abortos espontâneos ainda é uma realidade em países latino-americanos. É o caso, por exemplo, de El Salvador, onde não importa se o aborto é espontâneo, ou a vida da mulher corre riscos ou se foi fruto de violência sexual. Lá, interromper uma gravidez, seja qual for o motivo, é crime e quem arrisca abortar pode ser condenada a dezenas de anos de cadeia. Isso também pode acontecer no Chile, Honduras, Nicarágua e República Dominicana.

Na maioria dos países, como o Brasil, a depender do caso, a interrupção da gravidez é permitida em caso de ser espontânea, de risco de vida para a mãe, gestação de anencéfalo e estupro, mas somente até a 20ª. semana de gravidez. Aborto voluntário continua sendo crime. Rosângela aponta que, no Brasil, são poucos os casos, mas mulheres continuam sendo condenadas por abortarem voluntariamente. Apenas Cuba, o Distrito Federal mexicano e, mais recentemente, o Uruguai já legalizaram o aborto na América Latina e Caribe.

Em El Salvador, María Teresa Rivera, foi sentenciada a 40 anos por homicídio doloso em 2012. Ela não sabia que estava grávida até que um dia, na fábrica de tecidos onde trabalhava, sentiu uma necessidade urgente de ir ao banheiro. Algum tempo depois, foi encontrada por sua sogra, caída no chão e sangrando. Ela, que nem sabia que estava grávida, sofreu um aborto espontâneo. E por este "crime" foi condenada. María Teresa tem um filho de cinco anos. Quando ela sair da prisão, seu filho já será um adulto.

Ativistas salvadorenhas lutam pela libertação de mulheres presas por abortarem espontaneamente.

Já Guadalupe Vásquez tinha apenas 18 anos e trabalhava como empregada doméstica quando ficou grávida e teve um aborto espontâneo. Ela dormia na casa dos patrões, em um quarto pequeno, que nem sequer tinha luz elétrica. Foi nesse quarto onde teve as complicações obstétricas e um parto precoce. Em estado de choque e com um sangramento severo, foi levada ao hospital. Lá, Guadalupe foi acusada pelo pessoal médico por aborto e, durante o julgamento, foi modificada a tipificação do delito a homicídio qualificado, sendo condenada a 30 anos de prisão.

Mesmo entidades que atuam pela não legalização do aborto como o Movimento em Favor da Vida (Movida), no Brasil, condenam a criminalização do aborto no caso de ser espontâneo. "Não podemos exigir que a mulher controle seu próprio organismo e, mesmo no caso de aborto voluntário, devemos procurar entender as razões que levaram a mulher a fazer isso, muitas vezes, pressionada pela própria família e/ou pelo parceiro", assinala Fernando Lobo, fundador do Movida, destacando que, em primeiro lugar, deve vir a vida da mulher, ainda que ressalte que aquelas que fazem abortos voluntários no Brasil estão sujeitas a punições. Mesmo no caso da gestação de anencéfalo, ele defende que a mulher aguarde um aborto espontâneo e não provocado. Nas ocorrências de estupro, ele entende que cada caso deve ser avaliado isoladamente.

Para Lobo, a informação de que há milhares de mortes de mulheres em decorrência de abortos por ano no Brasil é uma falácia. "Você conhecia alguém que já morreu por causa de aborto? Pelos números do SUS [Sistema Único de Saúde], o número de óbitos em decorrência de abortos não passou de 100 casos, se não me engano, em 2011", observa. Em contrapartida, há estudos que estimam serem os abortos o quinto maior causador de mortes maternas no Brasil. Com base em números do DataSus, a imprensa tem divulgado que são realizados cerca 850 mil abortos clandestinos por ano no Brasil. O número de internações por complicações durante abortos passa de 200 mil, sendo 155 mil por interrupção induzida. Lobo, do Movida, e Rosângela, das CCD, concordam em um ponto: é preciso fortalecer as iniciativas de educação em saúde sexual e reprodutiva das mulheres, ampliando o acesso a métodos anticonceptivos. Para a membro das Católicas, engana-se quem acha que a legalização do aborto provocará uma corrida aos hospitais. As experiências mostram que, pelo contrário, a legalização do aborto acarreta uma maior conscientização da sociedade sobre a prevenção da gravidez e, em países que já legalizaram, como é o caso do Uruguai, os índices de abortos provocados reduziram com o tempo.

O aborto e a igreja

Na avaliação de Rosângela, das CCD, a igreja católica, mesmo com abertura progressista possibilitada pelo Papa Francisco nos últimos dois anos, não avançou praticamente nada na discussão sobre os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres. Ou seja, a mulher continua sendo reprimida em sua sexualidade. "A igreja continua pregando que o sexo só deve ser aceito se for dentro do casamento heterossexual e com vistas à procriação, o que está muito distante da revolução sexual por que vêm passando as mulheres", observa Rosângela.

Para ela, já será uma grande conquista quando a igreja aceitar, oficialmente, o aborto em caso de risco de vida da mulher, gestação de anencéfalo e estupro. No entanto, é uma perspectiva ainda muito distante de ser concretizada, em sua opinião, pois, por motivos muitas vezes religiosos, em pelo século XXI, há muito mais iniciativas, em especial

legislativas, no caso do Brasil, para criminalizar do que para descriminalizar e legalizar o aborto.

Campanhas

Entidades de direitos humanos como o Grupo Cidadão pela Despenalização do Aborto, em El Salvador, e a Anistia Internacional lutam para proteger as mulheres condenadas por sofrerem abortos. Ainda na semana passada, o Parlamento de El Salvador aprovou um indulto para Guadalupe Vásquez, que cumpria a pena de 30 anos de prisão por ter sofrido um aborto espontâneo. Na avaliação das instituições, a decisão deve agora servir de precedente para outras 16 mulheres salvadorenhas que permanecem presas devido à penalização total do aborto e abrir a porta à necessária mudança da lei.

Uma das maiores defensoras de Guadalupe Vásquez é Morena Herrera - figura de destaque na luta pela liberdade em El Salvador, feminista e ativista dos direitos sexuais e reprodutivos - que explica as razões por que a penalização total do aborto naquele país tem de ser anulada. Desde 2009, ela está nessa luta, através da associação que lidera - o Grupo Cidadão pela Despenalização do Aborto.

"Um dia recebi um telefonema. Era uma estudante que estava no banheiro de uma escola, com uma hemorragia. Pedi a uma colega que a levasse a um hospital privado. Ela tinha sido violada nas imediações da universidade [e engravidado], mas não contou a ninguém. Tomou umas cápsulas feitas de soda cáustica, que lhe destruíram as paredes das artérias - mas continuava grávida. Para nós, este é o dilema: preferimos ver esta pessoa morta ou na prisão? É esta a realidade que vivemos todos os dias. É arrasador", descreve Morena.

Morena Herrera luta pela causa das mulheres criminalizadas em El Salvador. A gravidez indesejada é uma realidade dolorosa para muitas mulheres e jovens em El Salvador. Como Morena Herrera salienta, em 36% dos nascimentos registrados em hospitais, as parturientes têm entre nove e 18 anos. Sem uma educação sexual adequada, com acesso muito limitado a contraceptivos e a proibição total do aborto, as jovens são deixadas sem nenhuma outra saída - a não ser a dos abortos clandestinos (35 mil por ano) ou do suicídio (com uma taxa de 57% das mortes durante a gravidez).

Diante dessa realidade, a Anistia está promovendo uma campanha para pressionar o presidente de El Salvador, Sánchez Cerén, a descriminalizar o aborto no país; libertar incondicional e imediatamente todas as mulheres e meninas presas por se submeterem a um aborto ou por abortarem espontaneamente; garantir o acesso a aborto seguro e legal a todas as mulheres e meninas nos casos de estupro ou incesto, quando a saúde da mulher estiver em risco e quando for improvável que o feto sobreviva; e garantir o acesso à informação e serviços modernos de contracepção e proporcione uma educação sexual integral para todos e todas. Qualquer pessoal em todo o mundo pode preencher o

formulário e assinar a petição -
<https://anistia.org.br/entre-em-acao/peticao/pelas-mulheres-e-meninas-de-el-salvador/>.

Mulheres estupradas, mesmo a legislação permitindo o aborto neste caso no Brasil, até a aprovação da lei de 2013, que obriga o atendimento em hospitais públicos, era muito difícil realizá-lo pelo SUS. Por maioria de votos, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) declarou a inconstitucionalidade da interpretação segundo a qual a interrupção da gravidez de feto anencéfalo deveria ser punida de acordo com o Código Penal.

Mulheres marginalizadas lutam contra a violência e por inclusão

<https://racismoambiental.net.br/2016/03/11/mulheres-marginalizadas-lutam-contr-a-violencia-e-por-inclusao/>

[11 de março de 2016 Destaque, Direitos Humanos Combate Racismo Ambiental](#)

Benedito Teixeira e Cristina Fontenele – [Adital](#)

Por ocasião do Dia Internacional da Mulher, 08 de março, com atividades previstas ao longo de todo este mês, as pautas femininas têm questionado os avanços na conquista de direitos e os desafios enfrentados pelas mulheres, em diversos âmbitos. A Adital ouviu a [Pastoral da Mulher Marginalizada](#) (PMM), entidade ligada ao Setor de Pastoral Social da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que oferece apoio às mulheres em situação de prostituição, conscientizando sobre a busca pelos seus direitos e o exercício de sua cidadania.

Maria Augusta Nogueira Machado Dib, agente pastoral da PMM e psicóloga voluntária, destaca quais as principais temáticas trabalhadas pela PMM e como a escuta ativa contribui para reconfortar e fortalecer a dignidade dessas mulheres.

Adital: De acordo com as diretrizes da Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), quais têm sido as principais temáticas trabalhadas pela PMM junto às mulheres?

Maria Augusta: Além de procurar atender às demandas das mulheres sobre temas do seu interesse, que vão surgindo ao longo dos encontros semanais das agentes pastorais com elas, a PMM tem uma agenda fixa anual, em torno a temas relativos a: 1. Campanha da Fraternidade; 2. questões sobre legalização da prostituição; 3. questões sobre o aborto; 4. questões de gênero e mercado de trabalho; 5. exploração sexual e tráfico de pessoas; 6. temas relativos às datas a serem celebradas, tais como o Dia da Mulher, Dia das Mães, Dia do Trabalho, Dia do Combate à Violência contra a Mulher, e outras; 7. fortalecimento das relações afetivas, importância da autoestima, desenvolvimento dos seus talentos e realização pessoal; 8. exercício da cidadania e direitos humanos.

Adital: No atual contexto, quais os principais desafios da PMM em suas ações?

Maria Augusta: Algumas das grandes dificuldades são perenes, como a conquista de agentes pastorais e técnicos voluntários, apoio e financiamento para os projetos com as mulheres, e internos à própria PMM.

Adital: Sobre a situação da mulher marginalizada, no Brasil, como a PMM avalia os principais problemas enfrentados por essas mulheres (violência, uso de drogas, prostituição, trabalho e emprego, gravidez na adolescência, entre outros)? Há outras problemáticas que PMM queira citar?

Maria Augusta: A realidade da mulher marginalizada acompanhada pela PMM: em situação de prostituição, pobre, sem estudo, maioria afrodescendente, maioria sem apoio de um companheiro e/ou dos pais de seus filhos, é triste, séria, grave quase sem possibilidade de saída, mesmo que elas queiram e até procurem a PMM para isto. Se estão envolvidas com drogas, e o uso do álcool quase que faz parte da prática da prostituição em locais fechados, a dificuldade é maior ainda. Muitas vezes, a PMM se limita a ser presença profética, solidária, escuta ativa, acolhida sem julgamento, o que, para as mulheres, muito já significa, e elas se sentem reconfortadas e fortalecidas na sua dignidade tão aviltada. Algumas das políticas públicas brasileiras, nos últimos 14 anos, têm atingido algumas poucas mulheres que fazem parte da realidade da PMM e, quando assim acontece, elas se sentem importantes, bem tratadas e buscam mais estudo e capacitações profissionais.

Adital: Como a PMM trabalha a questão da espiritualidade junto às mulheres marginalizadas?

Maria Augusta: Sendo a PMM uma pastoral social da Igreja Católica, a questão da espiritualidade é fundamental, e elas gostam que assim seja. Sentem-se confortáveis, por serem acolhidas também com celebrações e festas em datas religiosas, com a presença de religiosas e religiosos, padres, bispos. Escutam e participam com atenção das reflexões sobre a Palavra, leituras do Evangelho, reflexões sobre a Mulher Maria, e outras mulheres bíblicas. Dão valor à dimensão espiritual da existência. Correspondem, ativa e alegremente, às dinâmicas oferecidas pela PMM, nessas ocasiões.

Adital: A PMM trabalha com a problemática das mulheres transexuais? De que forma? Como a PMM vê a situação desse segmento?

Maria Augusta: A PMM não tem pernas para ir além de atender às mulheres, muito embora não feche suas portas a homossexuais e transexuais. Não tem trabalhos específicos para estas necessidades.

Adital: O que a PMM preparou para esta semana do dia 08 de março, em todo o país?

Maria Augusta: A PMM sempre participa ativamente do Dia Internacional da Mulher, no próprio 08 de março, se engajando em algo público, algumas vezes, promovendo celebrações dentro dos seus próprios espaços, e em outros dias de março. Em marchas, em atividades promovidas pelas Arquidioceses das várias cidades do Brasil, aonde possui equipes, e/ou em atividades das Secretarias Municipais, quando é convidada. Festas/lanches com as mulheres, panfletagens críticas sobre a saúde da mulher, contra o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, contra a violência à mulher.

Adital: Como a entidade vem trabalhando a questão da saúde da mulher, com vistas à crise do vírus Zika/microcefalia?

Maria Augusta: Falando sobre o tema, quer nas reuniões na PMM, como nos locais de visitas, distribuindo panfletos que recebemos dos órgãos de saúde, chamando pessoas de fora para falarem sobre os assuntos em destaque, como, por exemplo, este agora.

Adital: E sobre a problemática do aborto, que atinge principalmente as mulheres pobres, qual a abordagem da PMM?

Maria Augusta: Talvez seja o tema mais delicado e difícil para a PMM, dado que somos uma pastoral social da Igreja Católica. Não nos posicionamos em favor do aborto, mas jamais contra a mulher que o pratica. Entre elas é nítido que estão divididas entre ser a favor e ser contra. Elas se ajudam, se apoiam, às vezes, uma fica com a criança de outra que queria abortar, mas, por algum motivo, não o faz.

Espaços de Liderança

Elizangela Matos, coordenadora nacional da PMM, relata à Adital os desafios à frente de uma Pastoral que defende os direitos femininos. Analisando os espaços de inclusão das mulheres nas lideranças dos movimentos sociais, ela explica que, antes, as mulheres atuavam como voluntárias e, atualmente, são representantes à frente de alguns grupos.

No tocante à violência, Elizangela cita que as principais formas identificadas pela Pastoral são a violência de gênero, abuso sexual, violência doméstica, psicológica e econômica. Na luta pelas garantias de direito e posicionamentos frente às questões de gênero, a coordenadora acredita que, de alguma forma, existe o diálogo dentro dos movimentos femininos e feministas, para unificar as ações.

Adital: Quais são, hoje, os desafios à frente de uma Pastoral que defende os direitos femininos?

Elizangela Matos: A Pastoral da Mulher Marginalizada é uma pastoral de fronteira, atuando nos seus três eixos de ação: tráfico de mulheres para exploração sexual, enfrentamento e combate ao abuso sexual infantil e trabalho escravo, e mulheres em situação de prostituição. Vivemos em um contexto de mundo globalizado, onde os valores se confundem e se misturam a cada dia, e um dos nossos desafios é como lidar com mudanças de paradigma estrutural. Desde a sua criação, a PMM tem como princípio ser presença, atuando nas diversas situações apresentadas na vida das mulheres no contexto social, em situação de prostituição, oferecendo apoio, incentivo, conscientizando sempre na busca de seus direitos e exercício de sua cidadania.

A missão da Pastoral compreende a construção de relações humanas e humanizadoras, que se apresentam nos atendimentos individuais e grupais, encaminhamentos para diversas áreas, de ordem psicológica, jurídica e profissional, com relacionamento de igualdade e respeito para com as mulheres que atendemos. Trabalhamos as relações de gênero através de encontros temáticos, palestras, seminários e parcerias com as redes.

Adital: As mulheres têm conquistado espaço de inclusão nas lideranças dos movimentos sociais? Existe a presença do machismo e patriarcalismo dentro dos movimentos?

Elizangela: Percebe-se que houve um avanço considerável das lutas das mulheres por estes espaços de inclusão. Vemos que as mulheres, talvez por serem detentoras de tantas atribuições, como trabalhadoras, ocupantes de cargos em várias áreas, mães de família, esposas, mulheres independentes, cada vez mais provedoras do lar, também encontram tempo para se dedicarem a uma causa. Antes, a atuação das mulheres era como voluntárias, atualmente, são representantes de alguns movimentos.

Sim, é sabido através da construção da história brasileira, que o patriarcado sempre existiu. Muito embora com o advento, com a abertura e facilidade de acesso aos meios de comunicação, é possível uma ‘diminuição’ considerável desse contexto patriarcal/machista.

Adital Quais seriam, hoje, as mulheres marginalizadas na sociedade brasileira? Esse cenário mudou desde o começo de atuação da Pastoral?

Elizangela: Existe um perfil – 85% são negras, pobres, nordestinas e que já sofreram algum tipo de violência, seja ela sexual ou doméstica, psicológica e agressão verbal. Percebe-se que existe uma longa caminhada ainda a percorrer, pois são sintomas estruturais, que dependem de políticas públicas e de conscientização da sociedade como um todo.

Adital: No acompanhamento da prostituição feminina, o que mudou ao longo dos anos? Como avalia o atual contexto brasileiro nesse tema?

Elizangela: Partimos do pressuposto de que a sociedade brasileira aponta a prostituição como uma “escolha”, para ganhar “dinheiro fácil”. Isto não é uma verdade absoluta. Considerando a prostituição como uma das expressões da questão social incorporada nos moldes da sociedade capitalista, que visa ao lucro de uma classe sobre outra, desde o século passado até os atuais, não houve uma mudança significativa no panorama geral. São as mulheres negras, pobres, em sua maioria nordestina, sempre as vítimas deste mal da sociedade.

Adital: Como avalia as políticas públicas em torno da prostituição feminina (proteção contra a violência, garantia da saúde reprodutiva, prevenção de DSTs [doenças sexualmente transmissíveis], combate ao preconceito, acesso a serviços públicos)?

Elizangela: Percebe-se que não existe um trabalho de pronto atendimento integral nas UBs [unidades básicas de saúde], CREAS, CRAS [Centros de Referência em Assistência Social], Conselhos Municipais, Estaduais e Federal, no que se refere às mulheres citadas. Se há medidas protetivas, falta fiscalização do cumprimento, por parte do Estado.

Adital: Com vistas ao empoderamento feminino, que questões são discutidas, hoje? Que iniciativas percebemos neste sentido?

Elizangela: Tem se efetivado, nas conferências, seminários e outros encontros, atividades e projetos de organizações, no Brasil e no mundo, no fortalecimento da relação da mulher com o poder econômico, dando-lhes mais autonomia, e na busca por igualdade de salários, maior participação na política. Em tantas outras iniciativas em

prol do respeito ao ser humano e à dignidade, temos que exaltar e apoiar essas iniciativas.

Adital: Na relação consigo mesma, de que forma a mulher tem se percebido? A autoimagem e a busca por direitos têm mudado?

Elizangela: Sim, através dos nossos trabalhos formativos e informativos, percebe-se nas mulheres em situação de prostituição atendidas pela Pastoral uma maior sensibilidade para com os que sofrem; solidariedade concreta; em situação de emergência e carência; profetismo, postura crítica no combate à injustiça; espiritualidade libertadora de dois clamores: o dos oprimidos e o de Deus, que nos chama a colaborar na construção de um mundo melhor.

Adital: Dentro da Igreja, existiria a mulher marginalizada?

Elizangela: Jesus supera os preconceitos sociais da época, quando dialoga com uma mulher considerada pecadora junto ao poço. Mais do que a convivência e o aprendizado, Jesus é amado por muitas mulheres. Elas vão, aos poucos, revelando ao mestre que o cotidiano da vida é feito de relações de carinho, afeto, respeito, igualdade e cumplicidade.

Adital: Que papel o Papa Francisco tem exercido na inclusão da mulher dentro da estrutura eclesial católica?

Elizangela: Foram vários posicionamentos de apoio e de inclusão da mulher no seio estrutural da nossa igreja. E suas chamadas para uma reflexão mais inclusiva dando ênfase à importância do papel da mulher na Igreja.

Adital: Deseja acrescentar algo mais?

Elizangela: Que o mistério de cada pessoa seja sempre um convite a contemplar a presença de Deus e a respeitar o chão que vamos pisar. (pois o chão é sagrado).

Documentação argentina comprova desaparecimento de brasileiros durante a ditadura

<http://www.forumverdade.ufpr.br/blog/2014/08/03/documentacao-argentina-comprova-desaparecimento-de-brasileiros-durante-a-ditadura/>

Benedito Teixeira – [Adital](#)

28/07/2014 11:27

Fonte:

Combate Racismo Ambiental

Blog de Tania Pacheco

O relatório “Vítimas del Terrorismo de Estado” [Vítimas do Terrorismo de Estado], entregue esta semana à Comissão Nacional da Verdade (CNV) do Brasil pela Comissão pela Memória da Província de Buenos Aires (CPM) reúne documentos encontrados no Arquivo da Divisão de Inteligência da Polícia da Província da capital argentina. A documentação traz informações sobre as circunstâncias da prisão e desaparecimento de 11 cidadãos brasileiros na Argentina.

Os casos de brasileiros sequestrados e desaparecidos na Argentina presentes no relatório são: Edmur Pércles Camargo ([veja os documentos](#)); David Chab-Tarab; Francisco Tenório Cerqueira Júnior (veja os documentos [1](#), [2](#), [3](#) e [4](#)), o Tenorinho; João Batista Rita; Joaquim Pires Cerveira (veja dos documentos [1](#), [2](#) e [3](#)); Jorge Alberto Basso; Maria Regina Marcondes Pinto; Roberto Rascado Rodriguez; Sergio Fernando Tula Silberberg; Sidney Fix Marques dos Santos e Walter Kenneth Nelson Fleury (veja os documentos [1](#), [2](#), [3](#), [4](#) e [5](#)). Já os casos de argentinos presos e desaparecidos no Brasil são os de Antonio Luciano Pregoni, Horacio Domingo Campiglia, Jorge Oscar Adur, Lorenzo Ismael Viñas, Norberto Habbeger e Susana Pinus de Binstock.

Os outros cinco casos de graves violações de direitos humanos listados são os desaparecimentos de Ary Cabrera Prates e Marcos Arocena, cidadãos uruguaios filhos de pais brasileiros, assim como os casos dos brasileiros Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho e do argentino José Lavecchia, desaparecidos em julho de 1974, próximo à fronteira da Argentina, no Parque Nacional de Foz do Iguaçu.

De acordo com o relatório, as ditaduras instaladas na América Latina – a partir da aplicação da doutrina de Segurança Nacional – provocaram uma migração permanente de progressistas que tentaram cruzar as fronteiras para salvaguardar suas vidas. A operação montada através das redes de inteligência estatais os vigiou, espiou e observou atentamente. Os controles que o Brasil promoveu sobre esses cidadãos e cidadãs perseguidos se estendem a todas as suas atividades políticas, estudantis e associativas, por meio de suas entidades coletivas e associativas estrangeiras. A soma de expedientes ou documentos encontrados no Arquivo do DIPBA (Departamento de Inteligência de Buenos Aires) demonstra que o controle exercido individualmente sobre aqueles reconhecidos como ativistas no Brasil se aprofundou com a instrumentação do Plano Cóndor*.

No entanto, a cooperação que a Argentina ofereceu às Forças Armadas e de Segurança Brasileiras será explicitada entre os anos 1971 e 1980, ainda que a violência estatal tenha se agravado entre 1976 e 1977. Essa coordenação das inteligências do Cone Sul teve como objetivo explícito “a realização de atividades de inteligência sobre dados concernentes a esquerdistas e a eliminação das atividades marxistas terroristas na área”. O documento assinala que as operações conjuntas entre os Estados aumentaram e fomentaram o sequestro, tortura, interrogatórios e posterior desaparecimento de cidadãos e cidadãs em qualquer um dos territórios que se encontrassem, para serem entregues posteriormente ao governo militar que os reclamava.

O caso de Walter Fleury ilustra bem como se dava a parceria entre as ações de repressão dos dois países vizinhos. Em seus antecedentes é informado na documentação

encontrada pela DIPBA que foi despedido da empresa Fiat por ser considerado ativista de ideologia comunista e, sem eufemismos, é informado também sobre a investigação realizada em seu domicílio. O documento do arquivo da Prefeitura Naval Argentina, zona Atlântico norte, cartela 113 (parte 1, folhas 451-458), que constitui uma lista de pessoas para serem incorporadas à “Lista de Pessoas Procuradas, das quais se solicita sua captura”, resulta também, conforme o relatório, um exemplo irrefutável da perseguição sofrida pelos cidadãos brasileiros na Argentina: na lista figuram Joaquim Pires Cerveira, João Batista Rita Pereda e Sidney Fix Marques Dos Santos.

(*) O Plano Cóndor foi um pacto estratégico entre diversos Estados, que coordenaram suas forças repressivas para ações de contrainsurgências, que deixaram milhares de vítimas; os governos ditatoriais da Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia e Brasil implementaram o acordo.

Para ver o relatório na íntegra [clique aqui](#).

Direitos dos animais: ativistas defendem penas menos brandas por maus tratos

http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=38&cod_noticia=24350

Publicado em 12/9/2013 por: Benedito Teixeira

O combate aos maus tratos contra animais, sejam eles silvestres, domésticos ou domesticados, ainda é um desafio para as entidades de proteção e ativistas que atuam no Brasil. Neste dia 11 de setembro, Dia Nacional dos Direitos dos Animais, uma das principais reivindicações em relação ao tema é que haja maior efetividade no cumprimento das leis, principalmente em se tratando das punições. A principal delas, a Lei nº 9.605/98, de Crimes Ambientais, em seu artigo nº 32, prevê detenção de três meses a ano e multa para quem praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.

No que diz respeito às leis, o Brasil até que pode ser considerado protetor dos animais em comparação com outros a outros países, como a China e Coréia do Sul. No entanto, para Geuza Leitão, representante da União Internacional Protetora dos Animais (Uipa) no Estado do Ceará, as penas ainda são muito brandas. Um Projeto de Lei tramita desde 2011 na Câmara Federal que aumenta a detenção para três a cinco anos em caso de maus tratos contra animais. "Hoje, os criminosos sofrem apenas alternativas, como a distribuição de cestas básicas, o que desestimula as denúncias", observa a ativista, que defende a especialização de defensores públicos para lidarem com processos que envolvem denúncias de crimes contra animais.

Geuza, em entrevista a Adital, disse que os órgãos como as Delegacias de Polícias e as Promotorias de Meio Ambiente do Ministério Público já estão mais preparadas para

receberem denúncias de maus tratos. Entretanto, na sua avaliação, é preciso que os ativistas também se envolvam com a proteção de outras espécies de animais, além de cães e gatos, como os jumentos, mais comuns na região Nordeste do país, e animais de circo.

Ela reconhece que, nos últimos anos, aumentou bastante o número de instituições e de pessoas que se envolvem no cuidado de animais domésticos, mas "faltam políticas públicas, que, entre outras coisas, fortaleçam o combate às vaquejadas, rinhas de galo e ampliem o acesso a castrações e cuidados veterinários para pessoas de baixa renda". Myrcea Harvey, ativista da entidade Novelo de Lã, que cuida e disponibiliza para adoção cerca de 400 gatos abandonados, também defende que a mídia e os políticos se envolvam mais na garantia dos direitos dos animais.

O Projeto Esperança Animal (PEA) lista o que pode ser considerado maus tratos contra animais e passível de punição pela lei: abandonar, espancar, golpear, mutilar e envenenar; manter preso permanentemente em correntes; manter em locais pequenos e anti-higiênicos; não abrigar do sol, da chuva e do frio; deixar sem ventilação ou luz solar; não dar água e comida diariamente; negar assistência veterinária ao animal doente ou ferido; obrigar a trabalho excessivo ou superior a sua força; capturar animais silvestres; utilizar animal em shows que possam lhe causar pânico ou estresse; e promover violência, como rinhas de galo e vaquejadas.

Jornalistas cearenses integram ranking dos 250 profissionais mais premiados de 2017

<http://www.sindjorce.org.br/jornalistas-cearenses-integram-ranking-dos-250-profissionais-mais-premiados-de-2017/>

22/12/2017

Cinco jornalistas cearenses integram o ranking dos 250 profissionais mais premiados ao longo de 2017, entre eles, o diretor de Ação Sindical do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) e diretor do Departamento de Imagem da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o repórter fotográfico Evilázio Bezerra. A lista, elaborada pelo Portal dos Jornalistas e por Jornalistas&Cia, analisou 154 premiações, das quais 84 ativas, para apontar quais profissionais e veículos foram os mais vitoriosos este ano e na história.

A jornalista Maristela Crispim, do Diário do Nordeste, é a representante da imprensa cearense mais bem colocada no levantamento nacional, ocupando a 49ª posição. Também funcionário do jornal idealizado por Edson Queiroz aparece o repórter fotográfico Raimundo Duarte Nonato Rodrigues, o Natinho Rodrigues, no 94º lugar.

Evilázio Bezerra, do jornal O Povo, vem na 140ª posição, seguido do colega de redação e também profissional da imagem, Fábio Lima (141º lugar). Ainda no ranking dos 250, figura a jornalista Yohanna Pinheiro, do Diário do Nordeste, na posição 208.

A lista dos premiados de 2017, levando em conta todos os profissionais do país, conta ainda com vários representantes da mídia cearense. Entre eles, Rafael Luís Azevedo, Jéssica Welma, Roberta Tavares e Rosana Martins – todos do portal Tribuna do Ceará. Destaque também para a equipe da extinta Agência de Notícias Frei Tito para a América Latina (Adital), com os premiados Adriana Santiago, Alexandre dos Santos Silva, Benedito Teixeira e Ethel de Paula. Da TV Verdes Mares, figuram Aline Oliveira, Eulália Camurça, Ricardo Nunes, Ranilson Sales, Camila Lima, Nilson Alves, Susy Costa e Tiago Lima Melo.

Ainda merce destaque a qualidade do trabalho jornalístico produzido no âmbito do sistema público, como é o caso da Rádio FM Assembleia, que tem no ranking de 2017 os premiados Fátima Abreu, Jorge Luiz Costa, Nabucodonosor Carneiro de Queiroz, Rinald William de Sousa Ribeiro e Tarciana de Queiroz Mendes Campos.

O jornal O Povo é o veículos com maior número de premiados no ranking. Além de Evilázio e Fábio, figuram: Cláudio Ribeiro, Daniela Nogueira, Gil Dicelli, Gabiras, Isabel Costa, Lucas Mota, Luciana Pimenta, Mateus Dantas, Pedro Turano, Rômulo Almeida da Costa, além de Helaine Oliveira. Do Diário, também constam Melquíades Júnior e Fernando Maia. Do portal Vermisos por Futebol, aparecem Larissa Cavalcante e Adriano Paiva.

“É importante destacar o trabalho de excelência desenvolvido pelos jornalistas que atuam no Ceará, levando o Jornalismo cearense a ser reconhecido nacional e internacionalmente, muito embora as próprias empresas não tratem como o devido valor e respeito merecido esses e outros trabalhadores da mídia”, comenta a presidente do Sindjorce, Samira de Castro. “O Sindjorce se orgulha de ter muitos dos premiados em nosso quadro de associados. Parabéns a cada uma e cada um”, completa.

Região Nordeste

O *Ranking dos +Premiados Jornalistas do Ano* na Região Nordeste veio com novidades nesta edição. Tradicionalmente disputado ponto a ponto por profissionais de Ceará e Pernambuco, o levantamento em 2017 teve amplo domínio dos alagoanos nas primeiras posições. Dos 11 profissionais que compõem os *Top 10* da região (há um empate na 10ª posição), sete são de Alagoas, enquanto Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco emplacaram um profissional cada.

A liderança este ano ficou com o repórter cinematográfico da TV Pajuçara José Pereira de Lima, com 55 pontos. Só no *Prêmio MPT de Jornalismo* ele ganhou três troféus, incluindo o *Grande Prêmio*, com a reportagem *Sururu: A cadeia produtiva da miséria*.

Três profissionais aparecem empatados na 2ª colocação, com 50 pontos: Alice de Souza, do Diário de Pernambuco, Géssika Aline da Costa, da Agência Radioweb, e Jonathan Alves Lins, do G1 Alagoas.

